#11, novembro 2019

relvado

ENTREVISTA COM CLAUDIO CAÇAPA

O COLO-COLO QUEBRADO E CAMPEÃO

O ÚLTIMO TÍTULO DE PELÉ PELO SANTOS

A ASCENSÃO DO LYON FEMININO

© OL_Damien LG

relvado

edição #11 | novembro 2019

Impressão
Gráfica Letras e Versos

Redação e Revisão
Anderson Moura
Caio Bitencourt
Felipe Portes
Wladimir Dias

Arte e Diagramação
Felipe Portes

Agradecimentos
Claudio Caçapa
Leonardo Coelho
Miguel Rodrigues
Valérie Fontaine

Contato
E-mail: revistarelvado@gmail.com
Twitter/Instagram/Facebook: @revistarelvado
revistarelvado.com.br

Assinante **Relvado Premium**, além de apoiar o projeto, participa de sorteios mensais de brindes, recebe a versão impressa em casa e tem acesso antecipado a todos os nossos lançamentos.

Entre você também para o time, por apenas R$10 mensais.

revistarelvado.com.br/assine-a-relvado

relvado

relvado 11 | índice

EDITORIAL: PLANOS E PLANEJAMENTO 5

BOTÕES: ASTON VILLA 1980-81 7

RABISCANDO: ARTUR BORUC 9

DETALHES: AMOR LÍQUIDO 11

NO CABIDE: AUXERRE 1995-96 13

O DIA CRUZMALTINO DE ZICO 15

NUNCA ORDINÁRIO 19

A ÚNICA CHANCE DE BERG 23

SEM DINHEIRO, MAS COM ALMA 27

60 DIAS APOSENTADO 35

UM ERRO HISTÓRICO 39

OS GÊMEOS DO GOL 47

A QUASE MORTE DE BATTISTON 55

UM HOLANDÊS DIFÍCIL DE RESUMIR EM UM TÍTULO 61

ABAIXO WILHELM NEUDECKER 65

ESTREIA, ESTRELA E CAOS 69

A PRIMEIRA JOIA DA COROA 77

UM CAMPEÃO PLANEJADO 81

Planos e planejamento

Editorial | Por Wladimir Dias

Todos temos, os renovamos e refazemos. Para muita gente, existe até data ideal para (re)começar: a virada de ano. Os planos são a arma que mantém muitos de nós vivos. Tanto os que estão sendo colocados em prática, quanto os de outrora e de amanhã. Eles representam desejos e ambições, perspectivas e esperanças. Apesar disso, no mundo ideal, os planos devem ser acompanhados de seus respectivos planejamentos. Afinal, se procuro algo, tenho que ter um plano de como alcançar esse objetivo.

Essa é uma lição diária na redação da *Relvado*. Quando dizemos — e vocês, caros leitores, já nos ouviram falar isso um punhado de vezes — que estamos aprendendo e crescendo, o que, verdadeiramente, tentamos transmitir é a ideia de que existe um

planejamento que vem sendo lapidado conforme a experiência nos indica erros e acertos. Não há modelo infalível. Porém, existem tentativas que buscam minimizar riscos e maximizar acertos, desde que seguidas à risca e sem perder de vista o objetivo colocado no horizonte.

No final dos anos 1980, Jean-Michel Aulas chegou ao Lyon ligeiramente perdido. Não sabia muito a respeito da gestão de um clube de futebol. Entretanto, estabeleceu um plano: elevar o clube francês ao patamar de futebol continental em coisa de três, quatro anos. Para isso, planejou. E eventualmente teve de refazer seus caminhos — preservando, contudo, o plano. Apesar de ter alcançado esparsas campanhas de qualidade durante os anos 90, foi só a partir da década de 2000 que o projeto decolou. Resilientemente (com o perdão do vocábulo coachinhesco), Aulas seguiu uma lógica e acabou construindo um pequeno império, em uma cidade que não tinha o futebol em tão alta conta. Mais detalhes sobre essa empreitada, vocês lerão adiante. Tivemos uma ajuda especial para contar essa história.

Há lições para todos na trajetória dos Gones. Para nós, ela traz a certeza de que persistir é preciso, equívocos deverão ser tratados apenas como um desvio de rota e vitórias, mesmo as pequenas, merecem celebração. O plano principal da Relvado é aproximar amantes dos livros e fanáticos pelo futebol — é criar uma comunidade que, tal como nós, padece, entregue a dois vícios irremediáveis.

Por sua vez, o planejamento tem sofrido alterações. Tudo isso para que, ao final de uma espera bimensal, chegue às mãos de vocês um produto de qualidade e no menor tempo possível. Alcançar o ideal é missão impossível. De outra forma, ele perderia sua condição de perfeição. Mas é possível chegar perto, como o Lyon nos provou. Ah, antes que me esqueça: apesar de esta viagem fazer uma parada muito especial na região francesa da Auvérnia-Ródano-Alpes, ela vai muito além, oferecendo experiências que vão do Chile a Camarões.

Apertem os cintos, travem a mesinha, coloquem a poltrona na posição vertical e desfrutem o itinerário da Relvado #11. ■

1 - JIMMY **RIMMER**
2 - EAMONN **DEACY**
3 - ALLAN **EVANS**
4 - COLIN **GIBSON**
5 - KEN **MCNAUGHT**
6 - KENNY **SWAIN**
7 - GARY **WILLIAMS**
8 - DES **BREMNER**
9 - PETER **WITHE**
10 - DENNIS **MORTIMER**
11 - TONY **MORLEY**
12 - GORDON **COWANS**
13 - DAVID **GEDDIS**
14 - GARY **SHAW**

lado b dos botões: aston villa 1980-81

arte por felipe portes | texto por wladimir dias

FICHA: ASTON VILLA 1980-81
Fundação | 1874, em Birmingham
Temporada | Campeão Inglês
Time base | Jimmy Rimmer; Kenny Swain, Allan Evans, Ken McNaught, Colin Gibson (Gary Williams); Des Bremner, Gordon Cowans, Dennis Mortimer, Tony Morley; Gary Shaw, Peter White.
Técnico: Ron Saunders

Foi como uma viagem no tempo. A última conquista de Campeonato Inglês do Aston Villa já era septuagenária, tendo ocorrido na longínqua temporada 1909-10. E não foi só isso que deu a sensação de que o torcedor dos Villans estava vivendo a realidade de uma outra época. O treinador Ron Saunders até possuía um elenco relativamente extenso para utilizar, o ponto é que não precisou de mais do que 14 atletas. Isso mesmo: um time titular e mais três foi o que o Aston Villa precisou para superar o Ipswich Town, seu principal perseguidor, na dura batalha de 42 rodadas que foi aquele campeonato.

O que não faltou foi entrosamento. Sete jogadores disputaram todas as partidas daquela campanha. O goleiro Jimmy Rimmer, por exemplo, não deu uma chance sequer aos seus reservas, Mark Kendall e Nigel Spink. O capitão Dennis Mortimer foi outro que não largou o osso um joguinho sequer. Já os artilheiros do time ficaram fora de pouquíssimas partidas. Peter Withe, autor de 20 gols, esteve em campo 36 vezes. Gary Shaw, que balançou as redes as redes em 18 ocasiões, fez 40 jogos. A estrela do time, o habilidoso Tony Morley, que ganharia chances na seleção inglesa no período, também foi vista 42 vezes. Fora Colin Gibson e Gary Williams, que dividiram espaço entre os titulares, apenas Eamonn Deacy e David Geddis, ambos nove vezes, foram utilizados para além dos habituais escolhidos. Sem competições continentais por disputar e com participações curtas nas copas inglesas, o Aston Villa se viu livre para concentrar todos os seus esforços no campeonato nacional e conseguiu o grande feito, com 26 vitórias, oito empates e oito derrotas (incluindo duas para o Ipswich). A glória nacional só foi ofuscada porque, no ano seguinte, os Villans fizeram ainda mais bonito e venceram a Copa dos Campeões da Europa. Com a mesma base, mas rodando mais o elenco, bateram o Bayern de Paul Breitner, Uli Hoeness e Karl-Heinz Rummenigge. ■

rabiscando: artur boruc

por anderson moura

Reprodução

Até aqui a editoria Rabiscando buscou trazer tatuagens de qualidade, valorizando o trabalho de bons tatuadores e bom gosto dos tatuados, mas Artur Boruc vem para mostrar que nem tudo são flores nesse mundo de tinta e bola. O goleiro viveu seu auge no Celtic e, embora não tenha sido um fenômeno na posição, também teve bons momentos na Fiorentina, no Southampton e no Bournemouth, sua atual equipe. Em 13 anos de seleção polonesa, foram mais de 60 convocações. Mas todo esse currículo por vezes é jogado no lixo quando Boruc vira simplesmente o goleiro que tem a tatuagem de um macaco com a bunda arreganhada.

Artur já deu indícios de um gosto duvidoso quando fez uma tatuagem enigmática no pescoço que diz "viciado em S..." (acredita-se que seja uma homenagem a então namorada, e agora esposa, Sara Mannei, porém o arqueiro nunca confirmou). Mas o macaco, bem, não há muito o que dizer. Vale apenas ressaltar que em um clássico *Old Firm*, entre Celtic e Rangers, Boruc ainda escreveu o nome do rival nas pernas do animal. ■

amor líquido

ao final da temporada 2018-19, o nottingham forest precisou de 18 minutos para encontrar um novo amor

detalhes | por wladimir dias

Foi no Santiago Bernabéu que a relação entre Martin O' Neill e Nottingham Forest alcançou seu ponto mais alto. Em um 28 de maio de 1980, contra um perigoso time do Hamburgo, a Europa estava aos seus pés. Voltando ao passado, não deve ter sido difícil deixar a Faculdade de Direito quando a "chance das chances" se apresentou. Martin, um norte-irlandês de 19 anos, deixou os arredores de Belfast para viver uma epopeia na Inglaterra.

A história de amor começou, para valer, em novembro de 1971. Como qualquer outra, teve momentos turbulentos, como a queda do Forest à segunda divisão na temporada de estreia do norte-irlandês. Entretanto, Martin O'Neill permaneceu onde estava. Como um fiel cônjuge, afinal. Na saúde e na doença. Foram necessários cinco anos para o calvário acabar e os *Reds* retornarem à elite — em uma altura em que o lendário Brian Clough já havia assumido seu leme. Foram 10 anos consecutivos de cumplicidade os que se viveram entre 1971 e 1981, quando o meia seguiu para o Norwich. Após o retorno à divisão principal da Inglaterra, O'Neill foi peça angular nas conquistas de um Campeonato Inglês, duas Copas da Liga e de duas Copas dos Campeões da Europa. Foram 371 partidas ao todo. E parecia que aquela história já tinha tido seu final.

Porém, clube e treinador sentiram que era a hora de uma reconexão. Quase 40 anos mais tarde. Em 2019, O'Neill retornou para tirar o Forest do marasmo da Championship. Após anos de carreira como treinador, que o ofereceram a alcunha de *Miracle Man*, não parecia existir ninguém melhor para aquela tarefa. Na chegada, o anúncio foi cheio de esperança: "Com seu comprometimento com o clube, conhecimento do jogo e paixão, O'Neill terá o objetivo de levar o clube de volta à elite do futebol inglês e fazer o milagre acontecer novamente". Bastaram 19 jogos. Oito vitórias, três empates e oito derrotas. Uma nona colocação que permaneceu inalterada.

Um amor começado há quase 50 anos escorreu pelos dedos daquele que escreveu a nota oficial do clube no dia 28 de junho de 2019: "O clube gostaria de agradecer Martin por todos os seus esforços durante seu tempo no City Ground e desejar-lhe o melhor para seu futuro". Nada mais. Objetivo. Na era da fragilidade de vínculos, 18 minutos depois o clube confirmou que Sabri Lamouchi seria seu novo treinador. A imprensa relatou que O'Neill, aos 67 anos, era visto como um "dinossauro". O milagre do acesso, aguardado há vinte anos, não veio. E o amor, antes guardado na gaveta com carinho, ganhou um capítulo que simplesmente não precisava ter existido. ■

no cabide: auxerre 1995-96

arte: miguel rodrigues | texto: felipe portes

Ao longo dos anos 1990, uma tendência ainda persistia no futebol francês: o uso desproporcional e indiscriminado de patrocinadores nas camisas. Em casos mais radicais, os escudos caíam do peito para dar lugar a cartazes gigantes que ocupavam toda a frente dos fardamentos das equipes de elite. Se hoje o problema de alguns centros parece ser a abundância de marcas a poluir uniformes e dificultar a visão alheia, antigamente era o inverso. É certamente o caso do primeiro Auxerre campeão francês, em 1996. Fardado pela Uhlsport, estampou a marca do frigorífico local Duc, especializado em carnes de aves na parte central do peito. Mas nem foi a exposição mais bizarra do anunciante.

Em 1995, o Auxerre exibiu um babador preto gigante com o logo da Duc que ia da gola até a barriga. Mantida a relação com o universo alimentício, em 1996, o longevo técnico Guy Roux estava cansado de roer o osso após três décadas de serviço e finalmente teve a chance de saborear uma sobrecoxa generosa e suculenta. Àquela altura, Guy completava 34 anos no cargo e conduziu um elenco modesto a uma histórica dobradinha na França, conquistando a Ligue 1 e a Copa da França. O time contava com alguns atletas de maior projeção internacional como Laurent Blanc e Taribo West, mas quem resolveu marcando gols foi a dupla Lilian Laslandes e Corentin Martins. Um feito histórico para a pequena agremiação borgonhesa, que iniciou ali um breve período vitorioso, nos anos finais (e merecidos) de Roux à frente do clube. ■

o dia cruzmaltino de zico

ídolo rubro-negro se vestiu com as cores do vasco para a despedida de roberto dinamite no maracanã, em 1993

brasil | por felipe portes

Um dia, vestir a camisa de um rival em contexto festivo era considerado um sinal de respeito. Se hoje em dia o clima bélico torna impossível a simples tarefa de ir à padaria vestido com as cores do seu time do coração, talvez seja preciso retornar a 1993 para ressignificar a relação com o amor pelos nossos. E sobretudo a paz com os coirmãos e ocasionais rivais.

Arthur Antunes Coimbra se notabilizou em 16 temporadas pelo Flamengo como um carrasco do Vasco. Logo ele, filho de um português e criado por uma família de classe média do bairro de Quintino Bocaiúva, ganharia fama e conquistaria o mundo vestindo rubro-negro, castigando milhões de corações da massa cruzmaltina. Flamenguista e principal responsável pela época dourada do clube da Gávea, Zico encerrou a sua história no futebol brasileiro em 1989. Foram duas décadas de protagonismo (com dois anos de hiato jogando pela Udinese e sendo aguardado para voltar aos braços da torcida), sendo uma figura de contraposição ao que Roberto Dinamite representava para o Vasco.

As duas maiores torcidas cariocas tinham a quem reverenciar entre os anos 1970 e 80. E ambos são sinônimos de um futebol saudoso, com craques criados e bem cuidados dentro do país. Eram raros os casos de atletas que saíam para a Europa, e quando acontecia, costumavam voltar após curtos períodos. O próprio Dinamite chegou a se aventurar no Barcelona entre 1979 e 80, mas foi devolvido ao Vasco logo depois.

Tanto Zico quanto Dinamite iniciaram suas trajetórias em 1971 e se transformaram em sinônimos das agremiações que defendiam. A longevidade e o tempo de serviço são os fatores de identificação secundários. O primário, evidentemente, era o talento indiscutível e a paixão enquanto torcedores e atletas de Flamengo e Vasco.

Em 1993, Roberto encarava seus últimos dias como profissional. Após breves passagens por Portuguesa e Campo Grande, em 1989 e 90, foi perdendo espaço no Vasco, que abria caminho para uma nova geração. O homem-gol decidiu se despedir do esporte no qual viveu e proporcionou tantas alegrias. Zico, em situação bem diferente, estava em missão de descobrimento e profissionalização no futebol japonês com o Kashima Antlers.

Em 24 de março, entraram juntos em campo para um amistoso festivo no Maracanã, entre Vasco e os espanhóis do Deportivo La Coruña, onde atuava Bebeto, vendido meses antes pelo próprio cruzmaltino. Dinamite, carregando o filho e a habitual braçadeira de capitão, foi seguido pelos companheiros do dia. Zico, orgulhoso, subiu o túnel pouco depois de Dinamite. Todo de branco, com a faixa transversal cruzando o peito. Os presentes esfregaram os olhos. Aquilo estava mesmo acontecendo? Alguns segundos de silêncio foram rapidamente substituídos por aplausos. A festa vascaína acolheu o velho nêmesis com o carinho devido.

Dinamite, como se soube depois, estava com febre. Mas não podia faltar à própria despedida. Queria sair apenas aos 30 da segunda etapa, para ser aplaudido pelas massas uma última vez. E cumpriu seu roteiro. O pontapé inicial foi de Nelson Piquet, outro célebre vascaíno.

Por 45 minutos, Zico vestiu a camisa do seu maior rival, aquele que sofrera 25 gols seus no passado. Concordou em vir do Japão apenas para aquele dia especial protagonizado pelo amigo. E não fez questão de roubar a cena com gols ou jogadas absurdas. Foi discreto o bastante para ser lembrado apenas pelo fato inédito de jogar pelo Vasco alguns minutos, sendo posteriormente substituído pelo meia Geovani.

O Deportivo venceu por 2 a 0, com gols de Bebeto e Nando. Bebeto, aliás, também foi reverenciado no momento do gol, comemorado pelos torcedores locais, ainda que fosse contra a equipe da casa. Um Vasco diferente entrou para a história naquela quarta-feira em março de 1993. Cerca de 28 mil pessoas testemunharam o aceno final de Dinamite, Zico usando a camisa 9 do Gigante da Colina e Bebeto fazendo gol pelo adversário. A equipe de São Januário, treinada por Joel Santana, trouxe os mesmos nomes que encerraram o ano de 1992 e se preparavam para a temporada em 93: Carlos Germano, Pimentel, Jorge Luís, Tinho, Cássio, Luisinho, Leandro Ávila, Geovani, Dinamite, Bismarck e William. Dinamite deu lugar a Valdir Bigode no fim da segunda etapa.

“O gesto do Zico no meu jogo de despedida é o maior gesto que eu poderia esperar desse adversário que me motivou, que

me encantou, que me fez chorar. Duelei com esse grande talento, esse grande homem. Temos que esquecer coisas menores e nos respeitar. Ele vestiu a camisa do Vasco e eu vestiria a camisa do Flamengo numa situação como essa", recordou o homenageado da noite, em reportagem do *SporTV.*

O resultado não alterou o astral da noite no Maracanã. Quem foi para se curvar a Dinamite, o fez da mesma forma emocionada. Zico, convidado principal, deu sua colaboração, aplaudiu, entrou na brincadeira e se deixou fotografar com o uniforme que vestiu apenas uma vez em toda a vida. O maior artilheiro da história daquele estádio passou em branco, mas talvez tenha sido melhor assim. Afinal, Zico comemorar um gol pelo Vasco seria crueldade demais. ■

nunca ordinário

poderia ser só mais um título estadual. porém, na carreira do maior de todos, até a taça de despedida fugiu ao comum

brasil | texto: wladimir dias
arte: miguel rodrigues

Seu nome de batismo é Edson Arantes do Nascimento, mas o mais comum é ele responder por Pelé. Até o próprio se refere a si dessa forma. Sua fama não encontra barreiras e não há grandes razões para recuperar os momentos de maior destaque de sua trajetória dentro dos campos. Eles são notórios, para além de notáveis. Desse modo, seria uma bobagem imensa trazer à tona uma memória aparentemente ordinária. Por que falar de um título do Campeonato Paulista?

A verdade é que ele não poderia prever que aquele torneio carregaria o peso de um fim. Era 1973 e embora fosse provável que a camisa 10 do Santos vestisse outro corpo no futuro próximo, isso não era uma realidade ainda. Além disso, tratava-se da oportunidade de obter um decacampeonato. Quantos jogadores podem dizer que conquistaram um mesmo torneio 10 vezes? O Rei pôde e não foi apenas o fato, mas a circunstância por trás dele, que gerou mais uma história para contar para os filhos, netos e para todo o curioso pelo futebol.

O Santos estreou no Paulistão '73 com um resultado preocupante. Era o final de março e, sem Pelé, o Peixe não conseguiu tirar o zero do placar contra a Ferroviária. Nada adiantou jogar na Vila Belmiro. Na sequência, com seu 10 de volta, o clube praiano ficou outra vez no empate: 2 a 2. Dessa vez, porém, em um clássico contra o São Paulo, do craque Pedro Rocha. A coisa só foi começar a ficar boa na rodada seguinte: chuva de gols! Pobre Juventus. O time da rua Javari sofreu uma goleada impiedosa, 6 a 0. O resultado, digno dos esquadrões santistas da década anterior, contou com a preciosa colaboração de Pelé, autor de dois tentos.

Na quarta rodada, o Santos dominou, mas custou a vencer a Portuguesa, liderada por um conhecido do torcedor santista, o meia Dicá. Eusébio foi o nome do único gol do encontro, aproveitando o rebote de um cabeceio de seu 10. Substituído por Adilson e com problemas físicos, Pelé não foi mal, mas não esteve à altura de seus feitos. Ele até marcou um gol, mas foi anulado. Não era um dia para os grandes artistas, afinal. Isso ficou evidente quando, naquele 8 de abril, numa pequena vila na Riviera Francesa do outro lado do atlântico, Pablo Picasso deixava esse plano. Porém, a arte carrega uma luz que nunca se apaga.

Preservando seu astro, o Santos venceu o São Bento na sequência e o América, no retorno do Rei. Adiante, no Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas, o Peixe também bateu o Guarani. Tudo bem apertado, com vários 1 a 0. Quem tinha Pelé sabia que tudo isso era pouco. O marasmo precisava acabar e não foi preciso falar duas vezes. A *Folha de São Paulo* do dia 30 de abril foi clara ao fazer um anúncio: "A volta do time-show". No clássico contra o Corinthians, Pelé e o Santos convenceram. "O Santos e seus artistas da bola, depois de temporadas sem grande aspiração, estão novamente na melhor forma", garantiu o periódico. Pelé abriu o placar de cabeça, aproveitando cruzamento de Edu, serviu Brecha no segundo tento e, depois, saiu em disparada, como uma força da natureza, passando por quem entrasse em seu caminho e anotando o terceiro e último gol do jogo. 3 a 0, inapelável.

Todavia, nada disso estava fora do comum. O Santos jogando bem não era novidade. Pelé desequilibrando a balança em favor do Peixe também não. Vá lá: a última conquista do time datava de 1969, o que podia ser visto como incomum, mas também não era motivo para que se visse algo de extraordinário naquela campanha santista. Aliado a isso, um empate com a Academia, o grande Palmeiras dos anos 1970, recolocou os pés do time no chão, mesmo que o técnico Pepe tenha dito que "o senhor Oscar Scolfaro [árbitro do jogo] não teve coragem de apitar uma penalidade máxima de Luís Pereira em Pelé".

Vitórias contra o Botafogo de Ribeirão Preto (2 a 1) e Ponte Preta (5 a 1) levaram o Santos a fechar o primeiro turno do certame na liderança, sem perder, com 19 pontos — um a mais que o Verdão, o outro invicto. O resultado foi importante, porque o time desandou no segundo turno. Apesar de começar bem, vencendo Botafogo e São Bento, logo começaram os tropeços: empate com o Corinthians, Juventus e São Paulo. A vitória contra o América em nada ajudou a diminuir os efeitos das derrotas em sequência para Portuguesa e Palmeiras. Depois do insucesso contra o alviverde, Pepe até anunciou: fora do páreo no segundo turno, mas já campeão do primeiro, pouparia suas estrelas para a final. Mesmo assim, na rodada seguinte, Pelé fez o solitário tento da vitória contra o Guarani. Contudo, aquele foi de fato seu último jogo antes da decisão. O Rei ficou fora da derrota para Ponte Preta e do empate

ante a Ferroviária. Seria um curioso tira-teima aquele jogo fatal. Do outro lado estava a vencedora do segundo turno, Portuguesa, time vencido por 1 a 0 no primeiro turno e vencedor no segundo, também pela margem mínima. A *Folha* do dia 26 de agosto indicou: "Contra Pelé, nenhum esquema especial". O treinador da Lusa, Otto Glória, tratou de negar qualquer ordinariedade ao time rival: "Devemos nos preocupar com o time todo do Santos, que é extraordinário".

Em si, o jogo contou com a iniciativa do Peixe, contra uma Portuguesa reativa, que apostava nos contragolpes. Isso durante os 90 minutos, porque, com o placar intocado, o encontro foi para a prorrogação e então tudo mudou. De repente, a Lusa acuou um desgastado Santos e, no último minuto da peleja, quase marcou o gol redentor, com Basílio. Nada feito. Pênaltis. Primeiro, brilharam os goleiros. Zecão parou Zé Carlos; Cejas freiou Isidoro. Então, Carlos Alberto, o Capita, marcou para o Peixe. Outra vez, brilhou Cejas, parando Calegari. Edu converteu mais um para o Alvinegro Praiano e Wilsinho perdeu outro da Portuguesa. Era hora do extraordinário entrar em cena — não o time do Santos, de performance para lá de comum naquela tarde. Armando Marques, o árbitro daquela final, contou errado os pênaltis e decidiu dar o jogo por encerrado.

O Santos era campeão e Pelé não teria de fazer a cobrança do quarto penal, que lhe incumbia. Mas por que se a Portuguesa ainda podia provocar uma reviravolta, com apenas três pênaltis cobrados por cada um dos times? Diante de um Morumbi com 116.568 pessoas, o juiz tentou voltar atrás, mas o time paulistano já havia abandonado o gramado, já ocupado por uma massa de torcedores. Não houve outro remédio senão dividir o título entre os finalistas — ou, ironicamente, entregar o troféu ao apitador, como sugerido na capa da *Folha*: "Armando Marques, campeão".

Pelé ficou no Santos até meados de 1974, quando se despediu do futebol após um jogo contra a Ponte Preta. Como se sabe, cerca de um ano mais tarde, ele voltaria para tentar popularizar o esporte bretão em território norte-americano. Então, aquele Paulistão inesquecível — para o bem ou para o mal — acabou sendo seu último título em solo brasileiro. Aliás, ainda que não estivesse na melhor forma, o Rei foi o artilheiro do certame, com 11 gols. Acima da média. Como sempre, negando o ordinário. ■

a única chance de berg

em 1990, o campeonato paranaense foi decidido por um atletiba marcado por um gol contra do zagueiro berg. Ele nunca mais foi o mesmo depois disso

brasil | por felipe portes

No fim dos anos 1980, o Coritiba ostentava larga vantagem no número de títulos do Campeonato Paranaense. Em 1989, conquistara seu 29º troféu estadual, enquanto o rival, Athletico, somava apenas 15. A década, que começou com boas campanhas nacionais e atingiu seu ápice no título brasileiro de 1985, contra o Bangu, parecia estar se encerrando a favor do alviverde do Alto da Glória.

Naquele ano de 1990, as duas maiores torcidas do estado viviam a expectativa de um Atletiba para decidir o estadual, algo que não acontecia desde 1983, já que nesse meio tempo surpresas como o Colorado, o Pinheiros e a União Bandeirante deram as caras em finais. Ali, o Coxa já não era o mesmo que vencera o nacional cinco anos antes. O único remanescente da conquista era o lateral-direito André, que entrou durante o segundo tempo da decisão.

Os roteiros mais óbvios certamente colocariam Pachequinho como herói da conquista coxa-branca. Após empate em 1 a 1 no Couto Pereira, na ida, o cenário estava completamente aberto. Mas o Athletico só precisava de um empate para ficar com o caneco, graças à melhor campanha na fase final.

Novamente na casa alviverde, o Atletiba teve um episódio pitoresco. Segundo a *Gazeta do Povo*, cerca de 42 mil torcedores lotaram as arquibancadas para o dia 5 de agosto de 1990, um domingo de tempo fechado na capital paranaense. Ou seja, apenas uma tarde curitibana normal. Mas quando a bola rolou, a tensão tomou conta. Estádio abarrotado, bandeiras tremulando nas duas extremidades, pessoas com seus radinhos (e radiões) junto à orelha. Marca de uma época que não volta mais. O jogo estava à altura de seu público, com grandes chances, reclamações e momentos de apreensão.

O Athletico saiu na frente logo aos cinco minutos, com Dirceu, de cabeça, após bom cruzamento de Carlinhos. Sem demora, o Coritiba foi atrás do empate, aos 13. Ditinho insistiu no bico da área e a bola sobrou para Pachequinho conferir no canto da meta de Marolla. Tudo igual no clássico. O clima pesado prosseguiu, até os segundos que antecederam o intervalo. Aos 44, o Coxa espetou novamente seu arquirrival. Serginho cobrou escanteio rente à trave, a bola

surpreendeu o arqueiro Marolla, que saiu mal, mas tocou nela. No rebote, o zagueiro alviverde Berg estava bem em cima da linha e tocou para a rede. Reviravolta no Alto da Glória? Certamente.

O Athletico do treinador Zé Duarte, que já havia acendido uma dezena de cigarros no banco de reservas, mudou de postura para a segunda etapa e voltou com um aspecto mais ofensivo. Agora a vantagem era do Coxa, que podia comemorar caso não acontecesse nada de ruim até o apito final de Afonso Vitor de Oliveira. Paulo César Carpegiani, chefe alviverde, assistiu a uma série de chances rubro-negras até propor uma mudança: o zagueiro Vica voltaria ao time para comandar a defesa. Mas o reserva nem teve tempo de entrar na vaga de Berg ou Jorjão.

Em uma cobrança de lateral despretensiosa, a bola caiu dentro da área coxa-branca, iniciando um verdadeiro Deus nos acuda. O goleiro Gerson foi atrapalhado pelo beque Jorjão, que tirou para o alto de maneira acrobática. A bola caiu novamente no meio da área, e Berg subiu para cabecear e aliviar o perigo. Só que ele estava na linha reta do gol e encobriu os próprios companheiros. Fosse na outra área, seria um lance típico de sobra na bola parada. Mas Berg fez o que chamamos de gol contra com convicção, uma testada firme e sem oposição. Sentado em estado de desolação, o defensor ainda gesticulou em protestos contra os colegas. Era o que restava.

Com vinte minutos de jogo, era de se esperar que houvesse um gol ou mais. Abatido pelo segundo e chocante gol contra, o Coritiba não voltou a incomodar. Os de vermelho e preto deram a volta olímpica no Couto Pereira lotado, para desgosto de quem havia pago ingresso com o plano de celebrar noite adentro em Curitiba.

Passaram-se 26 anos até que o Athletico conquistasse um novo título contra o Coritiba em terreno inimigo. Na ocasião, em 2016, a *Gazeta do Povo* devolveu aos holofotes o protagonista de tantos anos atrás — entrevistou Berg, que passou todo esse tempo recluso e preferindo o anonimato. Algo impossível em uma cidade que respira a rivalidade do Atletiba. “Não passa uma semana sem alguém falar nisso. As pessoas perguntam, quem tem mais intimidade brinca, tira sarro”, se limitou a comentar. Ele ficou longos anos sem pisar novamente nos gramados do estádio.

O defensor pendurou as chuteiras em 1996 e chegou a trabalhar como taxista na vida após o futebol. Na época da matéria da *Gazeta,* atuava como dono de uma escolinha de futebol em Londrina. Afastado pouco depois da derrota na final do estadual em 1990, se disse punido pelo clube pelo gol contra. Segundo Berg, a diretoria não liberava o seu passe para outras equipes e tampouco fazia questão de incluí-lo no seu planejamento. Apucarana, Taquaritinga e Inter de Lages foram seus últimos times. O Coritiba lhe fechou as portas para o futebol.

Perguntado se merecia uma segunda chance, Berg não hesitou. "Acho que daria para me recuperar. Seria difícil, não poderia errar. Mas se os resultados viessem, a torcida poderia esquecer". Mas a memória tem sido implacável. Quase 30 anos depois, o ser humano Berg ainda paga pelo pecado involuntário do jogador que foi um dia. Sem se deixar abater, segue. Pois não há como não seguir. ■

sem dinheiro, mas com alma

como o colo-colo saiu de uma situação de quebra e risco de deixar de existir no começo de 2002 para o título nacional ao final do ano

chile | por caio bitencourt

Havia um clima de ressaca no Colo Colo em 1994. Desde o final dos anos 1980, o clube vivera a reinauguração do Estádio Monumental, a épica conquista da Libertadores de 1991 e o triunfo da Recopa de 1992, glórias somadas a mais quatro campeonatos nacionais em 1989, 90, 91 e 93. Naquele ano, após o fim da gestão de Eduardo Menichetti, Peter Dragicevic, que já havia sido o presidente anteriormente, voltou ao cargo máximo dos Albos.

Caos

Em meio à decadência do clube pós-Libertadores e o erro que foi a venda das principais estrelas daquele título a preços baixos para mercados periféricos, como foi o caso do atacante Marcelo Barticiotto (negociado com o futebol mexicano), Dragicevic disse que havia voltado porque não gostara da forma com que o clube geria sua situação financeira. O fato é que, a partir de então, as dívidas da agremiação foram alavancadas rapidamente, apesar do crescimento das receitas com as cotas de televisão. Para piorar a situação do Colo-Colo, o clube brigou com a Asociación Nacional de Fútbol Profesional — ANFP e, em 1997, chegou a passar um ano sem receber por seus direitos televisivos.

A crise começou a apertar os bolsos colo-colinos de tal forma que, em 2001, o clube chegou a encerrar as equipes de categorias de base e da equipe B, que disputava as divisões inferiores do futebol chileno. Empresas e jogadores começaram a cobrar dívidas junto aos albos. No final daquele ano, a Associação Chilena de Leasing chegou a requerer a declaração de falência do clube, diante de uma dívida de 270 milhões de pesos chilenos, originada da instalação do placar eletrônico do Estádio Monumental, anos antes.

Todo esse caos se abateu sob um clube que já havia passado por problemas de intervenção judicial no passado. Primeiro, na década de 1960 por dívidas, e, depois, na década seguinte, obedecendo os interesses da ditadura militar chilena, e visando, igualmente, o pagamento de dívidas. A desordem seguiu até o dia 23 de janeiro de 2002. Na ocasião, o Juizado Civil de Santiago declarou a quebra do clube, com suas dívidas se somando conforme empresas e jogadores, cientes do ocorrido, passaram a cobrá-lo. Naquele momento histórico, cogitou-se até mesmo a venda do estádio —

bem como a extinção da equipe. No processo de intervenção do clube comandado por Juan Carlos Saffie, que era uma espécie de "síndico de quebras" chileno, alguns jogadores rescindiram seus contratos com o time e cerca de 117 empregados foram demitidos.

Em um período em que sua maior rival, a Universidad de Chile, conquistou o bicampeonato chileno em 1999 e 2000, e o Santiago Wanderers levantou o troféu de 2001, a solução para o Colo-Colo veio de remédios caseiros, em um momento em que o Campeonato Chileno passava a ser semestral, com o surgimento dos torneios Apertura e Clausura, consagrados em outros países do continente.

Enquanto os trâmites de recuperação do clube aconteciam, o Colo-Colo disputava o Apertura de 2002. Liderou seu grupo com folga na primeira fase, e, após eliminar em sequência Santiago Morning e Cobreloa, foi superado pela sensação do ano, o Rangers de Talca. Naquela altura, o desmanche da equipe era uma realidade. Saíram do time de uma vez só, nomes como Héctor Tapia, José Luis Sierra, Claudio Arbiza, Sebastián Rozental, Claudio Villaseca e Francisco Rojas. Isso sem mencionar a situação de Marcelo Ramírez, um dos campeões da Libertadores de 1991, que se aposentou naquele período.

Redenção

Apesar disso, outro campeão da América pelo Cacique resolveu ficar, e teve papel vital no que viria a seguir. Marcelo Barticiotto estava no meio de sua segunda passagem pelo Colo-Colo. O veterano foi um dos que escolheram ficar no momento mais difícil da história dos albos. não apenas ele, como outros grandes, tais como Eduardo Lobos, Luis Mena, Braulio Leal, David Henríquez, Raúl Muñoz, Luis Ignacio Quinteros, Manuel Neira, Marcelo Espina e Francisco Huaiquipán.

Para o torneio Clausura, o time seguiu trabalhando sob as ordens do técnico Jaime Pizarro, que vivia sua primeira passagem pelo clube em que havia se confirmado ídolo como jogador. O comandante procurou dar chances a jovens jogadores das categorias de base, e contou com o apoio dos veteranos da equipe para começar a nova era, que começou em meio a um campeonato que durante a fase de classificação teve seus problemas. Na quinta rodada, devido a uma

greve de jogadores, a competição chegou a ser paralisada por três semanas, e a rodada em questão foi disputada apenas por times juvenis dos clubes.

O Colo-Colo liderou seu grupo na fase de classificação com Huachipato, Concepción e Temuco, mas teve apenas a sétima melhor campanha nos sextos de final. No mata-mata, teve de enfrentar a Unión Española, decidindo fora de casa diante dos hispanos. E tudo quase foi posto a perder quando, no jogo de ida, em casa, o Unión chegou a abrir 2 a 0 na etapa inicial. Na volta do intervalo, Manuel Neira marcou duas vezes e outro dos que haviam retornado da Europa em tempos de crise, Marcelo Espina, fez de pênalti o tento da vitória.

No jogo de volta, no Estádio Santa Laura, o Cacique empatou sem gols e conseguiu a classificação para as inusitadas quartas de final. A fase tinha uma bizarra peculiaridade: contava com duas equipes classificadas como melhores perdedoras da fase anterior — para que se contasse com oito equipes na fase, era necessária a classificação de mais dois clubes, além dos seis vencedores do estágio anterior.

Uma delas acabou enfrentando o Colo-Colo: o Cobresal, que foi prontamente despachado no jogo de ida, com uma goleada por 4 a 1. Na volta, o Cacique impôs um 3 a 1, um dos gols anotado pelo jovem Gonzalo Fierro, um dos garotos que ganhava espaço naquela equipe, a ele se juntando o zagueiro Miguel Aceval e o meia Rodolfo Madrid. Mas para chegar a decisão, o alvinegro teria de enfrentar uma pedra no sapato.

O Cobreloa vinha sendo um grande problema recente para o Colo-Colo, sendo algoz de algumas derrotas importantes nos últimos anos. Mas a história foi diferente dessa vez. No jogo de ida no Monumental, o Cacique venceu por 2 a 0. Esse placar ajustou as coisas para a volta em Calama, em que os albos levaram a melhor outra vez. 2 a 1, com a marca do artilheiro Neira. Para uma equipe em crise que beirava a extinção, chegar à final já era uma grande façanha. Como adversária, o Colo-Colo teve a Universidad Católica, a atual campeã chilena, detentora do Apertura de 2002. Na primeira perna, disputada no Monumental, diante dos olhares

de cerca de 40 mil torcedores, gols só saíram no segundo tempo. No primeiro minuto da etapa final, após troca de passes, a bola sobra no meio para a bomba de Espina, que abriu a contagem. O encontro seguiu em clima de tensão, e as redes só voltaram a balançar aos 41', quando Neira recebeu livre na meia-lua e chutou forte para fechar o placar.

A vantagem era tão boa que no Estádio Nacional de Chile, palco da decisão, havia mais colo-colinos que cruzados entre os 50 mil torcedores. Mas o título não viria de maneira tão fácil para o Cacique como parecia. Aos 8 minutos, de cabeça Pablo Lenci abriu o placar para a Católica. Apesar do susto, cinco minutos mais tarde Espina empatou o jogo em cobrança de pênalti. Mas as coisas só foram ficar mais fáceis a partir da expulsão de Jorge Acuña ainda na primeira etapa, deixando a Católica em desvantagem numérica.

Em um 11 contra 10, Neira marcou duas vezes para o Cacique, garantindo a artilharia do Clausura 2002, com 14 gols. O primeiro veio aos 22 do segundo tempo; o segundo seis minutos após. Acevedo ainda diminuiu para a Católica. Mas o 3 a 2 se consolidou. O Colo-Colo não apenas conquistou seu 23º título chileno: viveu um dos capítulos mais emblemáticos de sua história, alcançando sua primeira conquista desde 1998, na hora mais nebulosa.

A equipe que levou o Colo-Colo na alma não deixou de registrar aquele momento com uma foto épica do time daquela decisão. Na camisa de cada um, anotada a canetada, estava uma forte declaração: "A morir por el Colo. Apóyenos", com direito à presença dos jovens Arturo Vidal e Jorge Valdivia entre os campeões.

Depois do título, a situação financeira do Cacique começou a se estabilizar. Chegou ao ponto em que o antigo ídolo Ivan Zamorano quis comprar o clube em 2004. Mas foi um ano mais tarde que a empresa Blanco y Negro S.A. assumiu o comando dos albos com direito, por 30 anos, a todos os ativos do clube em troca do pagamento de suas dívidas.

Em 2006, o processo da quebra foi extinto, colocando, por fim, uma pedra naquela fase difícil em que o clube mostrou sua verdadeira grandeza. ■

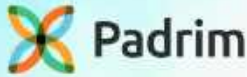
Nos últimos anos, a Trivela se tornou referência no futebol, indo além do campo e trazendo informação, história e contexto.

Queremos fazer mais nos próximos 20 anos e, para isso, contamos com o nosso principal foco: os leitores.

Faça parte do financiamento coletivo da Trivela e contribua com jornalismo independente de qualidade

Apoie-nos no Padrim!

padrim.com.br/trivela



A História do futebol com boas histórias.

revistarelvado.com.br

relvado

60 dias aposentado

eric cantona havia parado de jogar futebol, mas dois meses parado bastaram para que ele aceitasse um convite do leeds united

inglaterra | por felipe portes

Cansado das confusões que arrumara no esporte, seja por indisciplina ou por ser um talento incompreendido condenado ao ostracismo na França, Eric Cantona pendurou as chuteiras pela primeira vez em 1991. Ele mal sabia que, naquele momento, dava o maior passo de sua carreira, justamente ao se desfazer dela.

Naquele tempo, o craque problemático era figura renegada em território francês. Com a camisa do Nimes, atingira seu ápice de encrencas ao dar uma bolada em um árbitro durante partida da Ligue 1. Banido por um mês, surtou no julgamento da federação local e ganhou mais 30 dias de gancho, anunciando sua aposentadoria prematura, aos 25 anos — cedo demais para jogar no lixo uma história promissora por conta de seu comportamento.

Àquela altura, Eric já havia irritado dirigentes dos mais diferentes clubes pelos quais passara. A começar pelo Auxerre, treinado Guy Roux, passando por Martigues, depois Marseille, Bordeaux, Montpellier e, finalmente, Nimes — em uma extensa saga para alguém de sua idade. Apesar de ser dono de uma técnica incrível, o atacante era simplesmente incontrolável, de temperamento imprevisível.

E assim, depois de tantas brigas, seja com adversários, colegas ou torcedores, Cantona decidiu colocar um fim à sua passagem pelo futebol profissional, com apenas três títulos em oito anos, mas inúmeros entreveros.

A imagem também não era boa fora do país, já que anos antes, Cantona fora banido da seleção francesa por Henri Michel, treinador que ofendeu diretamente em rede nacional. Oferecido ao Liverpool, teve as portas fechadas pelo treinador escocês Graeme Souness.

A maré de negatividade mudou graças a Gérard Houllier, à época auxiliar técnico da França, que o aconselhou a se mudar para a Inglaterra, buscando um novo começo. Assim, o Sheffield Wednesday despontou como o favorito a contar com os serviços do francês, que concordou em disputar algumas partidas não-oficiais como teste, por dois dias em janeiro de 1992.

O técnico dos Owls, Trevor Francis, não estava muito convicto se fecharia com Eric, afinal, não queria inflacionar a modesta folha salarial do clube com o reforço e tampouco se convencera de que Cantona acrescentaria alguma competitividade à equipe.

Convencido por Michel Platini, Trevor mudou de ideia e abriu as portas para a contratação. Mas foi surpreendido com a informação de que um concorrente havia entrado na jogada: o Leeds United, de Howard Wilkinson.

Como Cantona ainda tinha vínculo com o Nimes, o clube de West Yorkshire fez questão de pagar por um empréstimo curto no valor de 100 mil libras. A opção de compra implicaria em outros 900 mil. Ou seja: 1 milhão de libras para tentar recuperar um jogador de 25 anos, com histórico internacional, e particularmente adorado pelo treinador da França naquele momento.

Platini não deu ponto sem nó ao sugerir que Eric ainda tinha lenha para queimar. Jamais iria encorajá-lo se não tivesse nada a ganhar com aquilo — sugerindo a recuperação de um ativo talentoso para os Bleus. A aposta, claro, podia dar errado para o Leeds, assim como deu para o Nimes. Mas só havia um jeito de saber o resultado: apostando.

Viajando para Elland Road, um estádio um tanto amaldiçoado, conheceu Wilkinson, que lhe deixou amarrado. Deixou Nimes para trás, ainda com medo, ressabiado. Mudou o jeito de ser e se acalmou pra sobreviver aos 60 dias aposentado.

Os dois meses passaram logo. Cantona voltou a jogar, fazendo apenas 15 importantes jogos. Suas assistências impulsionaram a equipe a um título inglês que não vinha desde 1974, quando o clube viveu a turbulência da troca de comando de Don Revie para Brian Clough.

O redentor dos Whites reescreveu sua própria história para se transformar em um atleta vencedor. Tudo que precisava, como constatado, era uma mudança de ares — e alguns padrinhos com voz importante no meio do futebol. ■

A *Relvado* agora pode pintar no seu Kindle!

Todas as edições disponíveis em
bit.ly/relvadokindle

amazon

relvado

um erro histórico

apostando sempre em grandes nomes, real madrid deixou passar a oportunidade de contar com um ícone dos anos 2000

espanha | por wladimir dias

Em Montpellier, a Itália vai vencendo Camarões. Com o gol de Luigi Di Biagio, marcado logo no início da partida, a *Azzurra* passa a confirmar o favoritismo no Grupo B da Copa do Mundo de 1998 — mesmo que tenha ficado apenas no empate contra o Chile na partida de estreia. Por outro lado, os Leões Indomáveis não podem se dar ao luxo de perder: no jogo inicial, não saíram de um empate contra a fraca equipe da Áustria. Ciente disso, o treinador francês, Claude Le Roy, age. Aos 66 minutos, faz uma dupla troca: lança a campo dois atacantes e apresenta ao mundo um garoto de 17 anos.

Aquele menino, que acabara de disputar a segunda divisão da Espanha pelo Leganés, nada pôde fazer para evitar o revés. Christian Vieri marcou mais duas vezes e os italianos celebraram a vitória pelo placar clássico, 3 a 0. Samuel Eto'o não voltaria a entrar em campo naquele Mundial.

Ainda assim, parecia ter um caminho brilhante a seguir. Depois de não conseguir assinar com o Paris Saint-Germain por falta de documentos e se destacar na prestigiosa Kadji Sports Academy, da capital econômica camaronesa, Douala, ele pertencia ao Real Madrid. Notado por Pirri, ex-jogador do próprio Madrid e membro da comissão técnica, impressionava: "Nos lembrava de George Weah e foi muito barato", disse o descobridor.

Apesar disso, terminado o empréstimo aos *Pepineros*, o retorno ao Santiago Bernabéu foi difícil. A concorrência por um lugar no ataque madrilenho era feroz, especialmente para aquele que sequer havia alcançado a maioridade e vinha de uma temporada medíocre, atuando em 30 partidas mas marcando apenas quatro vezes. Para a linha de frente, no Madrid, o treinador Guus Hiddink possuía o poder de fogo de Davor Suker, Predrag Mijatovic, Fernando Morientes e Raúl González.

Na temporada 1998-99, a única chance que Eto'o recebeu foi na 13ª rodada, substituindo Suker no segundo tempo de um empate sem gols contra o Espanyol. Diga-se: naquele jogo, Hiddink poupou Mijatovic, Roberto Carlos, Fernando Redondo, Fernando Hierro e Sávio. Logo, o destino do camaronês acabou sendo o próprio time catalão, emprestado até o final da temporada. Com a camisa dos

Periquitos, Samuel também não encontrou sorte. Jogou apenas um jogo da Copa del Rey contra o Valladolid.

Mudança de destino

De volta ao Real Madrid para a disputa da temporada 1999-00, Eto'o seguiu subutilizado. Na primeira metade da campanha merengue, jogou seis partidas, que não somaram sequer 200 minutos de jogo. Porém, muita coisa mudou na virada para o ano 2000. No mês de janeiro, o atacante se juntou outra vez ao selecionado camaronês, para a disputa da Copa Africana de Nações.

Depois de começar a disputa no banco, entrando no segundo tempo do jogo de estreia, contra Gana, Eto'o ganhou a titularidade e marcou contra a Costa do Marfim. O goleador voltaria a balançar as redes em todas as demais fases. Nas quartas de final, contra a Argélia, abriu o placar aos sete minutos da etapa inicial; nas semis, fechou a contagem contra a Tunísia: 3 a 0. Camarões foi à final, ante a Nigéria, e adivinhe: outra vez Eto'o inaugurou o marcador de um jogo que os Leões Indomáveis venceriam nos pênaltis.

Com a taça continental no currículo, Samuel Eto'o voltou à Espanha com a confiança renovada. Isso só foi reforçado com a mudança de lar. O camaronês não retornou a Madrid, partiu para Palma de Mallorca. Agora jogador do clube homônimo, o atacante confirmou seu renascimento. Demoraram seis partidas para que ele marcasse seu primeiro gol, mas após desencantar em uma derrota para o Espanyol, viveu um momento gigantesco na rodada seguinte.

No dia 09 de abril de 2000, o Mallorca visitou o estádio Camp Nou e enfrentou o Barcelona. Impiedoso, conquistou uma vitória mágica por 3 a 0. Eto'o foi às redes duas vezes e construiu a assistência do terceiro gol, marcado por Lluís Carreras. Em meio às muitas páginas dedicadas à crise do Barça, o *Mundo Deportivo* registrou uma fala humilde de Eto'o no dia seguinte: "O jogo coletivo e os pontos foram mais importantes que os meus dois gols".

Até o final da temporada, Samuel faria mais três gols, dois contra o Betis e um ante o Atlético de Madrid. No total, foram seis nos 13 jogos que fez em seus primeiros meses de Mallorca. No entanto, ao fim do espanhol Eto'o não teve muito tempo para descansar. Com

apenas 19 anos, foi selecionado para a disputa dos Jogos Olímpicos de Sydney. O torneio confirmou o que já vinha sendo a tônica de seus últimos meses.

Titular da equipe, fazendo ataque com o experiente Patrick M'Boma, Eto'o não marcou muitos gols, mas teve importância conforme Camarões foi indo adiante. Após avançar aos mata-matas com o segundo lugar do Grupo C, atrás dos Estados Unidos, os camaroneses eliminaram no gol de ouro um poderoso time brasileiro — que dentre outros contava com Ronaldinho Gaúcho e Alex —, superaram o Chile na semifinal e disputaram a decisão contra a Espanha, de Xavi.

Na final, valendo ouro, Eto'o fez seu primeiro e único gol no certame. Garantindo o 2 a 2 no tempo normal, disputou a prorrogação e foi às penalidades com seu país. O atacante converteu sua cobrança e viu seus companheiros fazerem o mesmo, com o espanhol Iván Amaya desperdiçando sua chance. Com o Ouro Olímpico no peito, Eto'o voltou ao Mallorca.

Ídolo dos Bermellones

Os últimos seis meses de Eto'o convenceram seu time a adquirir 50% de seus direitos junto ao Real Madrid, ao custo de 1,2 bilhão de pesetas — algo como 7,2 milhões de euros. Ali, começava uma saga de quatro temporadas mágicas para clube e jogador. O atacante "elétrico" e que estava "sempre se movimentando", assim descrito por seu companheiro, Albert Luque, ao *El País*, continuou em evolução.

Nas duas primeiras temporadas de Eto'o pelos *Bermellones,* foram 23 gols. Ainda não era uma marca de excelência, mas foi o suficiente para mudar o Mallorca de patamar. Atuando com jogadores como Ariel Ibagaza, o mencionado Luque, e Finidi George, o camaronês ajudou os baleares a terminar a temporada 2000-01 na terceira posição de La Liga, disputando pela primeira vez a Liga dos Campeões em 2001-02.

O sonho europeu esbarrou no azar que foi ser sorteado para um grupo com Arsenal, Schalke 04 e Panathinaikos, após o avanço contra o Hajduk Split na fase classificatória. O clube chegou a

C

descer à disputa da Copa da Uefa, mas caiu de rendimento, não superou os tchecos do Slovan Liberec, e não fez uma boa campanha no campeonato nacional.

O que pode ter se refletido no desempenho ruim de Eto'o na Copa do Mundo de 2002, que meses antes, ainda em bom momento, havia ajudado Camarões a vencer, outra vez, a Copa Africana de Nações. Mas, dizem, há males que vêm para o bem. Em 2002-03, o Mallorca viveu o maior dos sonhos.

Com um Eto'o cada vez mais maduro e seguro de suas competências, seu clube fez um temporada de segurança em La Liga e concentrou seus esforços na Copa del Rey. Na ocasião, foi tudo muito especial. Os Bermellones passaram primeiro por Gramenet, Hércules e Valladolid. Tudo isso para enfrentar o Real Madrid nas quartas de finais. O time estava mordido quando a eliminatória, disputada em janeiro de 2003, começou. Os madrilenhos haviam goleado os baleares no primeiro turno de La Liga, 5 a 1.

Na ida, o Mallorca fez o dever de casa. Segurou o 1 a 1 no Bernabéu. Na volta… *El País* foi direto ao ponto: "O Madrid esteve próximo de uma catástrofe com escassos precedentes. Concedeu três gols no primeiro tempo, na verdade, poucos diante do número de ocasiões de gol do rival [...] [O Mallorca] Jogou com energia e bastante classe, com dois jogadores encabeçando a exibição, Ibagaza e Eto'o". O jogo terminou 4 a 0. O camaronês anotou duas vezes.

Pensa que acabou? Eto'o seguiu sendo importante nas semifinais, com o Mallorca eliminando o Deportivo La Coruña, e fez dois dos três gols dos Bermellones na exitosa final, contra o Recreativo Huelva. E houve ainda ao menos um outro grande momento naquele ano. Como se não bastasse o atropelo no Real Madrid na Copa del Rey, no segundo turno, os baleares foram outra vez impiedosos. No Santiago Bernabéu, devolveram aos Merengues a goleada do começo da temporada: 5 a 1. O camaronês fez um gol e ofertou uma assistência.

Não me quis antes? Não me terá agora

O título da Copa do Rei é o momento mais importante da história do Mallorca. Por isso, todo e qualquer jogador que esteve

presente na campanha jamais será esquecido. No entanto, Eto'o foi além. Ele poderia ter saído ao final da campanha de 2002-03, mas permaneceu por mais um ano, aquele que seria o seu mais goleador na ilha Balear. Em 2003-04, Eto'o fez 22 tentos em 43 encontros.

Mesmo perdendo a Supercopa justamente para o Madrid, o time estava classificado outra vez à Copa da Uefa. Na oportunidade, chegou aos mata-matas, mas caiu para o Newcastle nas oitavas. Em La Liga, não passou do 11º lugar. Havia chegado a hora da despedida e já não era possível postergar o adeus. Aos 23 anos, Eto'o era um leão demasiado indomável para as pretensões modestas do Mallorca. Ainda assim, como que para dar um apropriado tchau, o atacante voltou a castigar o Real Madrid, na vitória por 3 a 2, na 36ª rodada. Samuel fez dois gols.

Assim, alguns times apareceram no caminho de Eto'o. O melhor jogador africano de 2003 foi cortejado por Chelsea, Valencia, Barcelona… e Real Madrid, que tinha a preferência de compra, caso igualasse a proposta de qualquer competidor. No entanto, em 11 de agosto de 2004, o camaronês fechou com os catalães. Em entrevista ao *Mundo Deportiv*o, seu ex-companheiro de Mallorca e ídolo do Barça, Miguel Ángel Nadal, deixou evidente o desejo de Eto'o:

"Seu desejo era jogar no Barça. Ele está morrendo de vontade de vir aqui, confessou a mim e a todos. No Madrid ele já esteve uma vez e não gostou, creio que não o trataram bem. De fato, quando joga contra o Madrid se mostra especialmente motivado e garante gols. Sempre fez grandes jogos contra eles. Ainda tem um espinho preso com o Madrid".

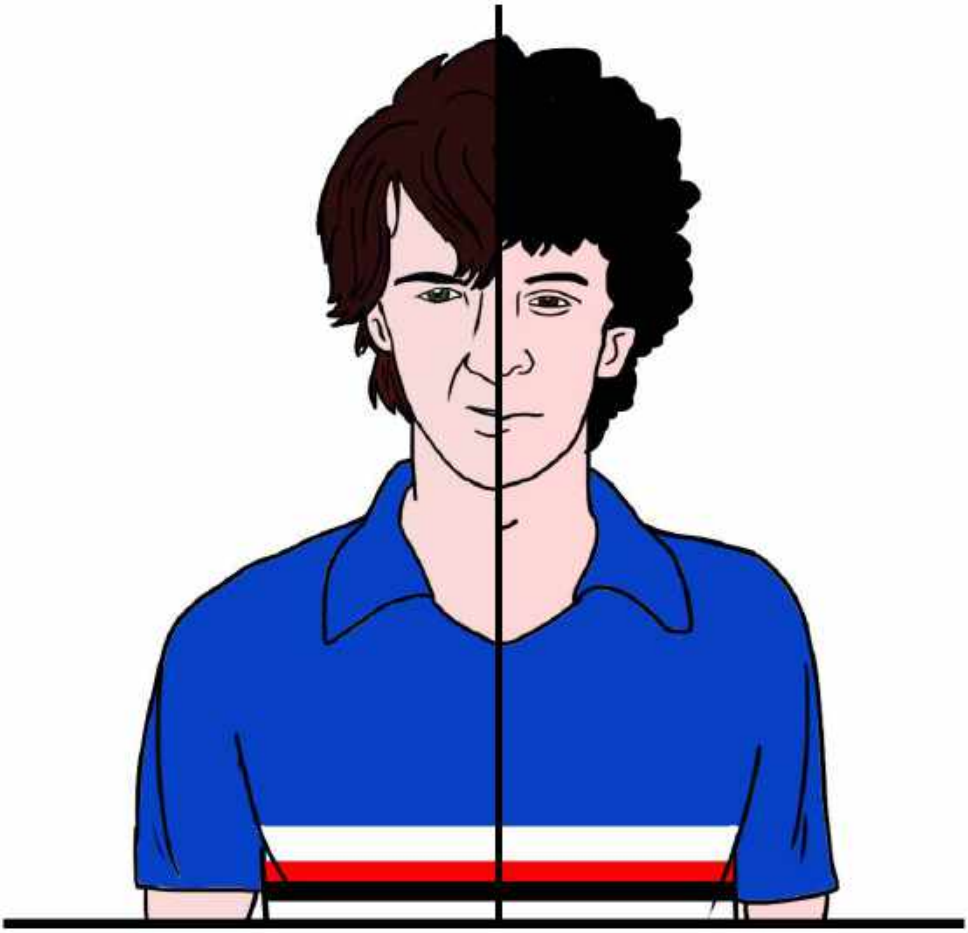
O Barcelona desembolsou 24 milhões de euros, uma metade indo para o Mallorca e a outra para o Real Madrid, que investiria em Michael Owen — outro erro histórico. Para Eto'o, a mudança significou a confirmação de que se tratava de um dos melhores do mundo. Ao lado de Ronaldinho Gaúcho, recolocou os catalães na rota dos títulos e se tornou, também em azul e grená, ídolo.

Já o Real Madrid se confirmou uma das vítimas favoritas do camaronês, que vitimou apenas Real Betis e Deportivo mais vezes, somando 11 tentos contra os madrilenhos. ■

Há sete anos produzindo podcasts
com conteúdo gratuito,
independente e diverso.

Programas disponíveis em
central3.com.br e no Spotify.

Central3



os gêmeos do gol

recortes de memória da prolífica parceria entre roberto mancini e gianluca vialli, que levaram a sampdoria ao topo da itália e da europa

itália | por felipe portes

Um metro e oitenta. Era a altura de dois homens nascidos em 1964 que, juntos, escreveram um capítulo memorável do futebol italiano. Com os pés. Eles chegaram ao futebol profissional em anos vizinhos, e o destino demorou outros três até que se unissem sob as mesmas cores.

Gianluca Vialli, um menino magro de Cremona, com traços faciais caricatos, começou a sua trajetória com a camisa da Cremonese em 1980 — ano em que saiu das profundezas da Serie C1, conseguindo um acesso. Roberto Mancini, natural de Iesi, foi lançado pelo Bologna em 1981, em meio a uma Serie A que abria novamente as portas para talentos estrangeiros, rapidamente impulsionando o nível da liga.

Não demorou para que a emergente Sampdoria, que buscava um papel honroso no cenário do futebol do Bel Paese desde a década de 1970, descobrisse o talento de Mancini. Atacante veloz e de criatividade ilimitada, desembarcou em Gênova no ano de 1982 para aquela que seria a fase mais fantástica de sua longa carreira.

Mesmo tirando gols da cartola, Vialli teve de esperar um pouco mais. Exímio finalizador, tanto pelo alto quanto pelo chão, incansável e com enorme força física, abriu caminho para estrear na elite apenas em 1984. Não com a sua amada Cremonese, mas sim com a Sampdoria, que juntava as metades de sua laranja, forjando uma parceria inesquecível.

Gêmeos do gol e das Copas

O sucesso foi imediato. A Samp começou a escalar sua montanha. Ao fim da primeira temporada, encontrou um combalido Milan para vencer a Copa da Itália em dois jogos. Venceu ambos, com um toque especial de sua dupla dinâmica no estádio Luigi Ferraris. Aos 41', Mancini fez o primeiro de pênalti. Ultrapassado o primeiro terço da etapa final, Vialli ampliou.

O Milan até tentou reagir com Pietro Paolo Virdis, aos 66', mas era tarde demais. A Itália conhecia, naquele momento, I Gemelli dei Gol (os gêmeos do gol, em tradução livre). De quebra, os Blucerchiati também desfrutavam do inédito sabor de uma conquista na elite italiana. Foi a primeira de muitas taças que vieram dali em diante,

todas elas com a marca de Vialli e Mancini. O futebol italiano dos anos 1980 criou de maneira orgânica várias parcerias em suas equipes principais. Por conta do limite de estrangeiros, os gringos traziam um elemento charmoso à disputa. Era mais frequente que trios se destacassem perante os demais, embora houvesse duplas igualmente marcantes. Foi assim com Mark Hateley/Ray Wilkins; Ruud Gullit/Marco Van Basten/Frank Rijkaard; Paolo Maldini/Franco Baresi/Franco Tassotti no Milan, Jürgen Klinsmann/Andreas Brehme/Lothar Matthäus na Internazionale, Michel Platini/Zbigniew Boniek e, depois, Platini/Michael Laudrup na Juventus, Bruno Conti/Roberto Pruzzo/Francesco Graziani na Roma e, claro, Alemão/Careca/Diego Maradona no Napoli. Em tempos de fortuna, todos os clubes da Serie A e alguns da Serie B tinham seus protagonistas. Um farto cardápio de atrações.

A Sampdoria, além dos gêmeos, tinha o valentão escocês, ídolo do Liverpool, Graeme Souness como sua referência na armação. E ainda contava com outro britânico, Trevor Francis, para dar mais poder de fogo ao ataque. No entanto, o autor do gol do título europeu do Nottingham Forest em 1979 jamais rendeu o que se esperava em quatro temporadas. Assim como Souness, deixou a Samp em 1986 após um fiasco de temporada com o 12º lugar na liga.

Na sequência, chegaram Toninho Cerezo e Hans-Peter Briegel para as vagas estrangeiras, além do técnico Vujadin Boskov, e a Samp patinou até retomar o caminho das glórias, em 1988. Rainha das Copas, ergueu mais uma da Itália, desta vez superando o Torino na decisão. Na prorrogação, com o agregado de 2 a 2 (Vialli fez o segundo gol da Samp na ida), Fausto Salsano, na entrada da área, acertou um petardo por cobertura e sacramentou o título.

Se a equipe jogava uma decisão, era certeza de que Vialli ou Mancini marcariam em algum momento. Às vezes, ambos iam às redes. O conto da Cinderela tomava forma para a agremiação genovesa, que colheu os frutos de duas contratações cirúrgicas para o ataque. Neste meio tempo, houve outros coadjuvantes ofensivos, como Francis havia sido anteriormente: Maurizio Ganz, Marco Branca e Enrico Chiesa foram alguns dos candidatos ao ataque que tentaram sua sorte, mas jamais foram capazes de destronar qualquer um dos gêmeos. À estes, a titularidade era uma certeza.

O tri e a passagem para a Europa

Em 1989, com algumas mudanças na formação titular, a Samp de Boskov defendeu o título da Copa da Itália e atropelou o Napoli nos dois jogos. Sem tomar qualquer conhecimento de Maradona e seus colegas, que haviam tomado a coroa italiana por assalto nos anos anteriores, os blucerchiati reverteram uma desvantagem de 1 a 0 na ida e avançaram para uma goleada sensacional disputada no estádio Giovanni Zini, em Cremona, quintal de Vialli. E lá estavam os gêmeos na súmula outra vez: Gianluca testou forte no alto para abrir o placar aos 32'. Mancini, seis minutos depois, cruzou na cabeça de Cerezo, que virou o agregado para os dorianos.

O mesmo Mancini, como repetiria várias vezes no futuro, deu um passe de calcanhar para Pietro Vierchowod entrar sozinho na área napolitana. O beque, apelidado de Czar, bateu forte e marcou o terceiro. Insaciável, aos 59', Roby carregou pela direita e aplicou um drible da vaca no marcador, que o derrubou após dois passos na área. Pênalti para a Sampdoria, que Mancini cobrou com competência: 4 a 0, fora o baile. Por mais um ano, o clube carregaria a coccarda em sua camisa, como sinal de mais um título na Copa da Itália.

Reinado copeiro à parte, naquele mesmo ano ficou comprovado que a Europa não era um terreno estranho para o elenco. Em 1989, eles alcançaram a decisão da Recopa Uefa e perderam para o Barcelona de Johan Cruyff, no estádio Wankdorf, em Berna. A derrota dolorida por 2 a 0 deixou uma lição: só se aprende a jogar uma decisão europeia participando dela. Com a renovação do título da Copa da Itália, o time ganhou uma nova chance no continente, na Recopa de 1989-90. E desta vez o desfecho foi completamente diferente.

Com Vialli inspirado e marcando sete gols na campanha, a Sampdoria finalmente sentou no lugar que lhe era devido. Superando adversários complicados como o Borussia Dortmund e o Monaco no caminho até o último estágio, a equipe encontrou o Anderlecht na final de Gotemburgo. Após 90 minutos sem gols, a prorrogação trouxe à tona o pesadelo de 1989. Seria possível que mais uma vez a taça escapasse das mãos de Boskov e seus comandados? Era uma missão para Vialli, e ele a cumpriu com

louvor, quando ninguém mais esperava. O primeiro gol foi um tanto bizarro, com o camisa 9 aproveitando uma falha do goleiro Filip De Wilde, que soltou a bola em seus pés, quase em cima da linha. Era o último minuto do primeiro tempo extra. No início da etapa complementar da prorrogação, o homem-gol deu números finais ao confronto após um cruzamento de Mancini. De cabeça, afundou o Anderlecht de vez. O sonho era real, mas era hora de buscar outros objetivos maiores.

A Itália se curva

Só faltava uma conquista da Serie A para consolidar o status de lenda para Vialli, Mancini e aquela geração da Sampdoria. Em 1991, o time tratou de entregar sua melhor versão para varrer a liga. Superando o poderosíssimo Milan de Arrigo Sacchi, a dupla teve Vialli como artilheiro do campeonato, anotando 19 gols — tentos fundamentais para a inédita taça, que veio com 18 jogos de invencibilidade e cinco pontos à frente dos rossoneri. Em 19 de maio, a Samp recebeu o Lecce, na penúltima rodada, com a missão de vencer para garantir o scudetto de maneira antecipada. Cerezo, Moreno Mannini e… Vialli fecharam o 3 a 0 e proporcionaram uma tarde colossal no Luigi Ferraris. Subia-se mais um degrau.

Pela primeira vez em sua história, a Sampdoria se classificava para a Copa dos Campeões da Europa, laureada pelo bordado carregado no peito com as cores da Itália. A campanha teve algumas pedreiras como a fase de grupos contra Estrela Vermelha, Anderlecht e Panathinaikos. Somando três vitórias, dois empates e uma derrota frente os belgas, a equipe de Boskov liderou a chave e avançou até a final. Do outro lado, encontrou um velho conhecido: o Barcelona de Johan Cruyff, que em 1992 já ostentava a alcunha de Dream Team.

Faltavam estrelas ao catalães em 1989, mas três anos depois, o Barça estava muito mais forte e motivado do que antes. As lembranças da queda em Berna voltaram para assombrar os genoveses. No palco de Wembley, o tempo normal não separou os rivais. Foi preciso mais 30 minutos de prorrogação para que o campeão europeu daquele ano fosse conhecido. E aí a estrela de Ronald Koeman brilhou. O holandês, letal em bolas paradas, acertou um chute indefensável para o goleiro Gianluca Pagliuca.

Mais uma vez, o Barcelona frustrou a Sampdoria em solo europeu. Diferentemente da década anterior, o grupo doriano não teve outra chance para se redimir. Foi o fim de uma era, o despertar de seis anos em que o impossível foi pisoteado.

Para a temporada seguinte, grandes mudanças chacoalharam os vestiários da Samp. Vialli aceitou a proposta da Juventus e se transferiu por valor recorde (40 milhões de liras italianas). Depois de oito anos ao lado de Mancini, seguiu seu caminho em Turim. Lá, Gianluca raspou os cabelos e alcançou os troféus que tanto sonhara como parte da esquadra bianconera. Foram necessários quatro anos para vencer a Serie A, a Copa da Itália, a Copa Uefa, e a desejada Liga dos Campeões. Vialli saiu para a Inglaterra após o título europeu de 1996, onde se aposentaria com a camisa do Chelsea três anos depois.

Mancini, capitão e camisa 10 blucerchiato, ficou até 1997 e ainda teve a honra de conquistar outra Copa da Itália, em 1994. Completou 15 anos de serviço em Gênova e, ao final de sua trajetória, ainda queimou alguma lenha com a Lazio, provando que foi um dos jogadores mais completos e eficientes de seu tempo, acrescentando outras duas Copas da Itália, uma Recopa Uefa e um scudetto ao seu currículo. Assim como Vialli, se aposentou jogando na Inglaterra, mas pelo Leicester, em 2001.

Em oito anos de parceria, os gêmeos do gol foram uma fábrica de bolas nas redes com a camisa da Samp. Vialli foi o goleador máximo em seis temporadas, Mancini em uma. A única vez em que alguém fora da dupla conseguiu a façanha foi em 1985, quando Francis anotou 15 e liderou a tabela.

A injustiça final é notar que Mancini e Vialli encerraram cedo suas carreiras com a seleção italiana. Ambos estiveram na Copa de 1990, mas foram preteridos pouco depois. Vialli, por conta de uma teimosia de Sacchi, deixou de defender a Itália a partir de 1992. Mancini foi chamado até 1994, mas sequer apareceu na convocação para o Mundial dos Estados Unidos. Nada que altere uma realidade: foi incontestavelmente feliz quem teve ambos no comando do ataque por tanto tempo. Memória que pertence a apenas uma torcida em toda a Itália… ■

trivela

A Trivela fala do futebol muito além das quatro linhas. Uma comunidade de apaixonados que sabe que o esporte é muito mais do que um jogo: é cultura, identidade, história e política. Dos gramados e arquibancadas à TV e escritórios da Fifa, o futebol é reflexo da sociedade e cotidiano. A Trivela trata de futebol assim: como manifestação cultural.

trivela.com.br

a quase morte de battiston

zagueiro francês saiu de campo desacordado na semifinal da copa de 1982. choque feio com toni schumacher assustou toda uma geração

França | por felipe portes

O primeiro de muitos episódios dramáticos envolvendo Alemanha e França em Copas do Mundo aconteceu em 1982, na Espanha, valendo uma vaga na decisão. Duas gerações excelentes em nível técnico e com estrelas de renome internacional batalhavam em Sevilha para saber quem enfrentaria a Itália no último jogo do torneio.

O mínimo contexto da partida é necessário. Michel Platini carrega a França de um lado, enquanto Paul Breitner tem o papel de líder veterano no comando dos alemães, apenas para ficarmos nos grandes nomes. Contudo, não foram eles os destaques maiores naquela semifinal. O grande momento, um dos mais tensos da história dos Mundiais, teve o goleiro germânico Toni Schumacher e o zagueiro gaulês Patrick Battiston como protagonistas.

Ninguém entrou em campo apenas para se defender naquela tarde de 8 de julho. A Alemanha, criticada por seu estilo burocrático, abriu o placar com gol de Pierre Littbarski. Mas a França, valente e cheia de energia, empurrou o time ao ataque e, em uma penalidade cobrada por Platini, igualou o marcador antes do intervalo.

Era um jogo franco e movimentado, com muitas chances para ambos os lados. Battiston entrou no começo do segundo tempo e menos de dez minutos depois teve uma chance fantástica para virar o placar.

Platini fez um passe perfeito, Battiston se projetou para a bola na saída da área, em ótima condição. Ele chegou a tocar na bola para a finalização, mas errou o alvo. Centésimos depois de arrematar, o francês foi surpreendido com o quadril do goleiro alemão, que saiu pelo alto de maneira desvairada e acertou o seu rosto. O choque foi instantâneo. Battiston caiu duro com a mão esquerda contorcida e tensa. Simplesmente apagou. Enquanto isso, a bola caprichosamente tomou o rumo da linha de fundo, para um tiro de meta.

As imagens que vieram depois eram as de um filme de terror. Inerte no gramado, Battiston foi atendido por colegas, que empalideceram diante da situação do defensor. Quando os médicos entraram para retirá-lo de campo, o quadro ficou ainda

mais preocupante. Battiston não havia só perdido a consciência e dois dentes. Ele também fraturara três costelas e tivera um dano vertebral severo.

Schumacher colocou normalmente a bola na linha da pequena área para cobrar o tiro de meta, enquanto Battiston estava desacordado e recebendo atendimento, sem demonstrar qualquer sinal de remorso em relação ao adversário. Ao menos era o que parecia.

"Eu saí correndo do gol e Patrick estava vindo na minha direção. Estava com as pernas e os joelhos bem abertos no lance. Saltei e tentei me virar para reduzir o impacto da dividida. Quando ele estava lá caído, eu sabia que estava lesionado. Não estava se mexendo. Aí chegaram Platini e [Jean] Tigana. Percebi que ele estava fora do jogo, de fato, mas só quando ele saiu de maca é que me dei conta de que algo sério havia acontecido. Tive de continuar jogando com aquilo na cabeça", explicou Schumacher, à Fifa, em 2012.

A outra versão foi abruptamente cortada no momento em que o quadril de Toni tocou o queixo de Patrick. O toque e a ideia para a jogada são as únicas memórias que Battiston tem daquele momento. "Quando eu vi o lançamento de Platini, sabia que o goleiro estava vindo. Quando vi ele chegar, porém, era tarde demais. Estava desesperado para marcar, por isso não me atentei. Foi uma colisão forte. Não me lembro de nada depois daquilo. Imagino que o médico estivesse bem preocupado, parecia feio, me disseram mais tarde. Mas eu mesmo não consigo ter nenhuma lembrança, estava completamente fora do ar na situação", comentou Battiston.

Foram sete minutos de intervalo entre a dividida e a saída de Patrick pela lateral. Instantes que serviram para aterrorizar a seleção francesa, que de repente passou a lidar com a possibilidade de ir ao velório do zagueiro, violentamente atingido em uma jogada desleal. O drama se ampliou quando, de cima da maca, o desmaiado Battiston derramou os braços para fora.

Platini, em entrevista coletiva após o jogo, afirmou que naquele momento o colega sequer tinha pulsação. O capitão, mantendo a compostura, já estava se preparando para aceitar que Battiston

havia morrido. O árbitro, Charles Corver, não viu o lance como gostaria. E marcou apenas tiro de meta, ignorando completamente a falta e deixando Schumacher passar ileso. A partida seguiu, não normalmente, porque seria impossível continuar a jogar sem pensar no pior.

Determinada a vingar o seu soldado caído, a França ignorou o cansaço físico e tratou de punir os alemães na bola, sem agressividade ou entradas duras. Não se podia pensar em futebol, mas eles fizeram o melhor. A partida foi para a prorrogação e a vingança esteve bem próxima. Com gols de Marius Trésor e Alain Giresse, Les Bleus abriram 3 a 1 de vantagem em oito minutos. Bizarramente, a final já parecia realidade — um consolo pelos momentos de pavor que vivenciaram na etapa complementar.

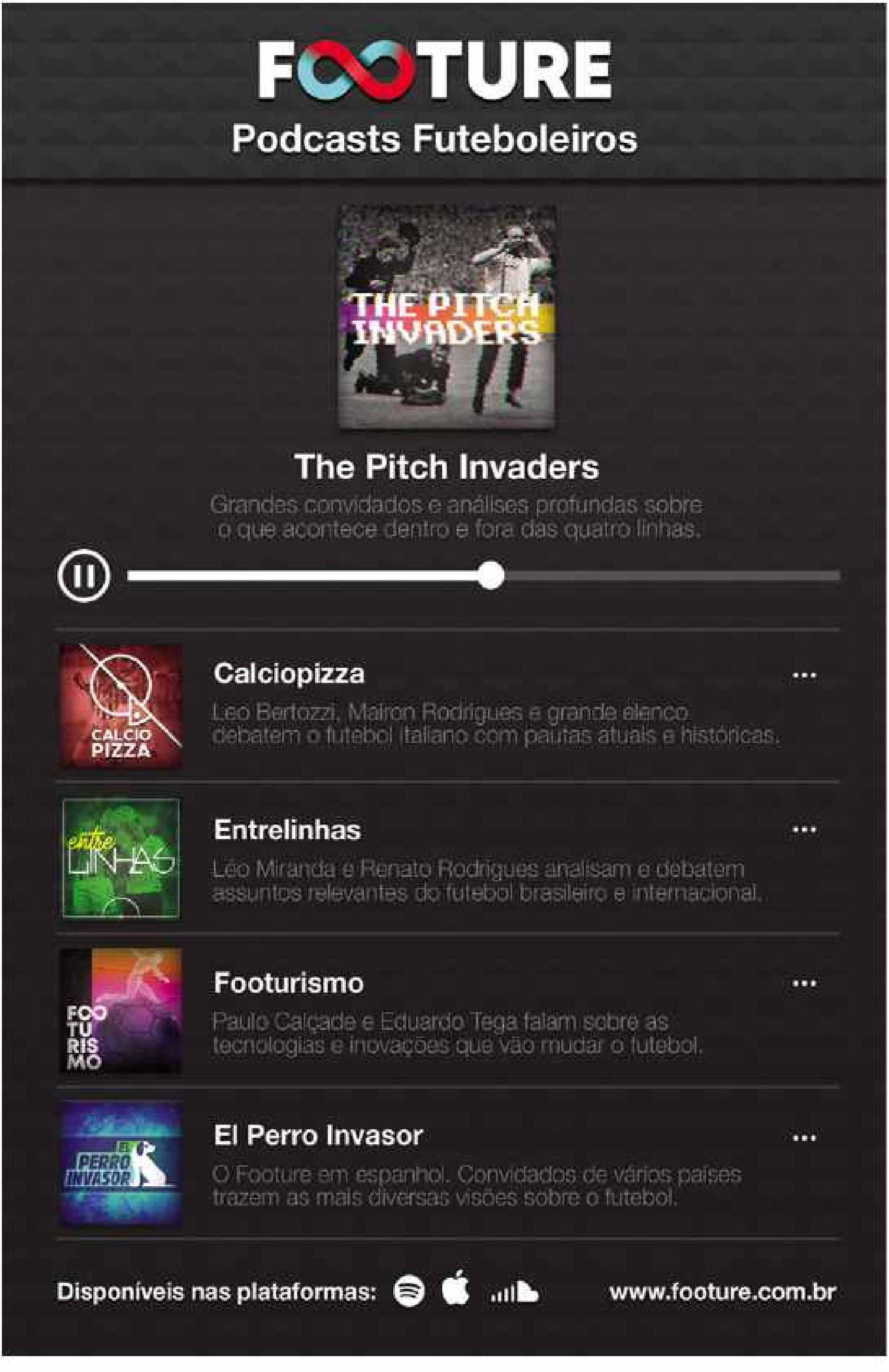
Mas a Alemanha não queria entregar de bandeja a vaga. Karl-Heinz Rummenigge, que começou no banco e só entrou na prorrogação por conta de problemas gástricos, diminuiu. E Klaus Fischer, de bicicleta, em um raro lampejo de beleza em meio aos horrores do estádio Sánchez-Pizjuán, deu números iguais ao confronto. O duelo foi decidido nas penalidades e, salvo os torcedores alemães presentes, ficou fácil entender quem eram os favoritos do público. Fora de Sevilha, em televisores espalhados pelo mundo, a França agora era a maior legião do planeta.

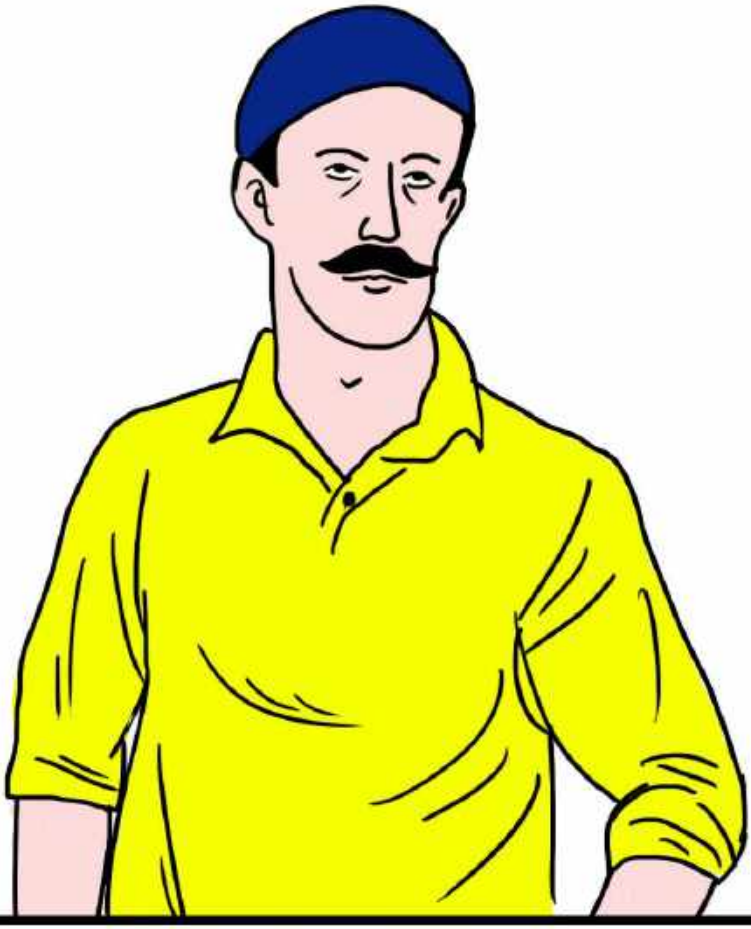
Harald Schumacher já havia entrado para a história antes das penalidades. Inimigo número 1 dos franceses dali em diante, o arqueiro fez ainda mais para aumentar a raiva de seus oponentes. Pegou os chutes de Didier Six e Maxime Bossis. Coube ao goleador Horst Hrubesch definir a partida com um chute sóbrio no canto de Jean-Luc Ettori. Depois de enxotar Battiston da semifinal, Schumacher eliminou a França e seguiu para a final, quando foi vaiado pelo público de Madri no jogo contra a Itália.

O Santiago Bernabéu pesou a favor dos italianos, que definiram com certa facilidade o tricampeonato mundial com gols de Paolo Rossi, Marco Tardelli e Alessandro Altobelli, todos na segunda etapa. Breitner diminuiu, mas era tarde demais. A França comemorou a derrocada germânica como se tivesse acontecido pelas suas mãos. Sentiu que o futebol fizera justiça, afinal.

Meses mais tarde, os jornais franceses realizaram uma pesquisa popular para saber quem era a figura alemã mais odiada pelo país. Não deu outra: Schumacher venceu Adolf Hitler na votação. Dois anos depois da semifinal de Sevilha, o goleiro visitou a França em um amistoso envolvendo as duas seleções e foi alvo de centenas de objetos atirados em campo. Nunca sentira um ódio tão grande na vida, embora sequer demonstrasse arrependimento pelo que fez a Patrick. Foram inúmeros pedidos de desculpas, prontamente aceitos por Battiston, ainda que com ressalvas.

"Eu o perdoo, claro. Mas não quero mais falar sobre isso. Está acabado. Entendo que pessoas fiquem marcadas por aquele momento, mas já passou. Foi um incidente de jogo, nunca saberemos se foi intencional ou não. Talvez ele tenha se sentido culpado, podemos tirar várias conclusões sobre o que ele pensou naquele dia. Só sei que Schumacher era alguém que queria vencer a qualquer custo. E ele passou dos limites. O perdoo, mas não tenho vontade de encontrá-lo novamente", arrematou o francês, à *RTL*, em 2012. ■


FOOTURE
Podcasts Futeboleiros
THE PITCH INVADERS
The Pitch Invaders
Grandes convidados e análises profundas sobre o que acontece dentro e fora das quatro linhas.
CALCIO PIZZA
Calciopizza
Leo Bertozzi, Mairon Rodrigues e grande elenco debatem o futebol italiano com pautas atuais e históricas.
entre LINHAS
Entrelinhas
Léo Miranda e Renato Rodrigues analisam e debatem assuntos relevantes do futebol brasileiro e internacional.
FOO TU RIS MO
Footurismo
Paulo Calçade e Eduardo Tega falam sobre as tecnologias e inovações que vão mudar o futebol.
EL PERRO INVASOR
El Perro Invasor
O Footure em espanhol. Convidados de vários países trazem as mais diversas visões sobre o futebol.
Disponíveis nas plataformas:
www.footure.com.br



um holandês difícil de resumir em um título

willem hesselink viveu uma vida atribulada. fez de tudo um pouco, indo da química à criminologia, passando pela filosofia e eternizando sua história em vitesse e bayern

holanda | por anderson moura

Robert Downey Jr. conquistou milhões de fãs interpretando o ricaço Tony Stark nos filmes "Homem de Ferro" e, posteriormente, em "Vingadores". Uma das frases mais carismáticas e memoráveis que colocaram o arrogante personagem nas graças do público foi em uma discussão com o Capitão América, quando Tony argumentou que não era apenas um homem comum dentro de uma armadura: "Gênio, bilionário, *playboy* e filantropo".

Personagens com várias camadas tendem a atrair nossa atenção devido à complexidade e diversidade de experiências e narrativas que eles podem nos oferecer. Mas ainda melhor é quando o alvo em questão não é fictício, e sim do mundo real. Willem Hesselink passeou e teve grande importância por diversas áreas acadêmicas e profissionais, sendo uma das mais bem sucedidas o futebol.

O amor pelas atividades esportivas veio cedo, mas nos anos de 1890 o futebol só demonstrava força pelas bandas da Inglaterra, então restou ao jovem Willem investir no Cricket por pelo menos dois anos. Só aos 14 o jovem, juntamente com um grupo de outros estudantes, fundou o Vitesse, clube de Arnhem que hoje disputa a Eredivisie, a primeira divisão nacional. Pelo clube aurinegro ele jogou — na maioria das vezes como lateral esquerdo — por sete anos, alternando momentos entre o futebol e outros esportes.

Em 1898, por exemplo, ele foi campeão holandês de salto em distância cravando um recorde nacional que perduraria por 12 anos (6.10m), além de levar a medalha de ouro também na prova de atletismo de 1500 metros. E você sabia que o cabo de guerra já foi esporte olímpico? Sim, aquela modalidade em que dois times ficam puxando uma corda para lá e para cá. Pois, quando ainda era, Hesselink também foi campeão holandês no pitoresco esporte, tendo em sua equipe vários dos seus companheiros do Vitesse.

Aparentemente, praticar uma dezena de esportes ainda era pouco para o inquieto neerlandês, que decidiu sair da cidade de Arnhem rumo a Leiden, onde foi estudar Química na universidade local. Futebolisticamente falando, a mudança foi extremamente proveitosa, já que o jovem deixava um time pequeno por outro mais competitivo, o HVV Den Haag, que já havia sido campeão nacional duas vezes antes da chegada de Hesselink e viria a conquistar mais

dois títulos contando com o novo reforço no elenco. Na nova equipe, o lateral virou atacante, marcou 66 gols em 54 jogos e passou a ficar famoso por desferir chutes de extrema potência. Nascia ali o apelido de "*Het Kanon*", o canhão.

Mas aquilo ainda não era exatamente o que o hiperativo químico-jogador considerava satisfatório, então, mais uma vez sua jornada em busca da excelência, trataria de unir as paixões acadêmicas e esportivas em um mesmo lugar. Desejando obter um doutorado em química, Willem deixou a Holanda rumo a Munique, na Alemanha.

Nas salas de aula tudo foi muito bem, obrigado. Sua dissertação final foi sobre o processo de produção de vinhos do Porto e a influência que a água do Rio Douro exercia no produto final, e Willem teve a oportunidade de ficar sob a tutela de acadêmicos renomados, como Wilhelm Röntgen, ganhador de um Prêmio Nobel de Física. Mas o holandês não passava todo o seu tempo enfurnado com a cara nos livros ou fazendo experimentos em laboratórios alemães.

No ano de 1900, o clube esportivo MTV 1879, originalmente fundado para a prática de ginástica, declarou que não inscreveria seu time de futebol na Federação Alemã da modalidade. Revoltados, 11 membros do clube deixaram o quadro de sócios e fundaram eles mesmos o Bayern de Munique. O início, disputando apenas campeonatos municipais e regionais, foi promissor, mas ainda faltava algum elemento que fechasse a cadeia necessária para que o sucesso se fizesse mais presente. Mas Willem chegou e rolou a tal da química.

Em 1902, Hesselink foi o primeiro holandês a defender a equipe bávara. Um ano depois da sua chegada, porém, Franz John, que havia sido o responsável por romper com o MTV e presidir o Bayern em seus primeiros anos, deixou o comando da instituição. Foi então que Willem, além de ser jogador, passou também a ocupar as funções de técnico e presidente do clube. Tudo ao mesmo tempo.

'O Canhão' agora era conhecido como 'O Doutor', e uma das mudanças proporcionadas por ele deixou sua marca na equipe até os dias de hoje: a fusão do Bayern com o clube Münchner

SC, idealizada por ele, fez com que a equipe passasse a adotar o vermelho como sua cor principal (até então o clube utilizava apenas branco e azul). Até hoje apenas dois cidadãos tiveram a honra de jogar, treinar e presidir o mais vitorioso clube alemão: Willem Hesselink e um certo Franz Beckenbauer.

Após deixar Munique, já casado e com mais um doutorado na mala — em filosofia —, o agora "Doctor Doctor" deixou a Alemanha e voltou ao seu país natal. O homem multitarefas disputou um único jogo pela seleção nacional (o primeiro feito pela Holanda em casa), em uma vitória sobre a Bélgica por 4 a 0, e mais uma vez defendeu o Vitesse, equipe que ajudara a fundar. O mais próximo que ele chegou de erguer uma taça com seu time foi em 1914, inclusive marcando o gol do time na decisão, contra o HVV, mas no fim o Vitesse perdeu por 2 a 1. Quando enfim pendurou as chuteiras, aos 37 anos e com mais um vice-campeonato no currículo, Willem foi tesoureiro do clube e seu presidente de 1916 a 1922.

Fora do clube aurinegro e do futebol, Hesselink se encantou com o trabalho de um estudioso alemão chamado Georg Popp, que começava a aplicar o uso da ciência forense na investigação e solução de crimes. Sendo assim, Willem fundou o seu próprio laboratório e passou a atuar também neste campo, especializando-se especialmente nos estudos sobre análises sanguíneas, impressões digitais e estudos caligráficos.

Era comum que a polícia local pedisse sua ajuda na tentativa de desvendar crimes de difícil solução, já que Hesselink era também membro da Academia Internacional de Criminologia. Posteriormente, o ex-jogador foi também diretor de uma agência governamental que controla e supervisiona a qualidade dos produtos. Algo como um INMETRO no Brasil.

Em 1973, aos 95 anos, Willem faleceu sem nunca ter visto seu clube/filho ser campeão. Uma espera que só chegaria ao fim para os outros torcedores em 2017, quando a equipe de Arnhem enfim sagrou-se campeã da Copa da Holanda, batendo o AZ Alkmaar por 2 a 0. Gênio, químico, filósofo, doutor, cientista forense, perito, atleta, futebolista, treinador, tesoureiro e presidente. Este foi Willem Frederik Hesselink, o homem de ferro holandês. ■

abaixo wilhelm neudecker

elenco do bayern forçou a renúncia do presidente após uma série de conflitos internos. motim dos jogadores começou com paul breitner e sepp maier nos vestiários

alemanha | por felipe portes

Dentro da cadeia do futebol, existem duas classes distintas. A dos operários que alçam uma equipe ao sucesso e a dos que se aproveitam dessas glórias visando benefício próprio. Em um mundo rendido ao capitalismo, as relações de trabalho não seriam diferentes dentro da bolha do esporte, na qual o valor do atleta é cada vez mais desproporcional ao que ele recebe de seu empregador. Isto é: quando recebe. Casos como o do Figueirense, de atraso salarial e caos de gestão em 2019, não são novidade. Em última instância, a resposta dos jogadores enquanto classe trabalhadora é a da greve ou do boicote, que pode se dar por diferentes maneiras.

O Bayern de Munique já viveu sua crise política própria, em 1979, fim da década mais vitoriosa do clube no cenário internacional. Liderado pelo gênio indomável de Paul Breitner, que retornava após um período no Eintracht Braunschweig, o elenco do Bayern já sentia os efeitos da idade e os resultados pioraram drasticamente. Dentro da Alemanha, a hegemonia pertencia ao Borussia M'Gladbach, enquanto Colônia e Hamburgo se revezavam para abater os Potros e erguer a salva de prata. Nada de títulos para os bávaros em quatro temporadas, o que incomodou profundamente a torcida e os personagens que defendiam a agremiação.

Até então, o grupo de jogadores, como um coletivo, deliberava sobre troca de treinadores. Como nenhum se adequava aos interesses deles, o processo de mudança era constante. O presidente Wilhelm Neudecker, à frente do Bayern desde 1962, se cansou de atender às demandas de seus atletas e escalou por conta própria o húngaro Gyula Lórant para comandar o time. Porém, a vinda do magiar acabou sendo o estopim para um conflito entre as duas partes.

Neudecker estabeleceu uma meta para o treinador: vencer a Copa da Alemanha em 1978-79. O problema é que o desgaste na relação com os jogadores envenenou o ambiente para Lórant. De propósito, o Bayern fez um jogo ruim e perdeu para o Osnabruck, na segunda rodada, por 5 a 4. Não era mais política, mas guerra. Os futebolistas alegavam que o mandatário estava gerindo o clube de maneira arbitrária, mas ao fim do dia, eram eles os responsáveis por entregar ou não um bom futebol. Assim sendo, se quisessem

minar o poder de Neudecker, a solução mais eficaz era a recusa à vitória. Uma coisa é impor sua força em um vestiário sem grandes estrelas. Outra é peitar craques com história enorme no esporte: além de Breitner, o Bayern ainda pagava os salários de Sepp Maier, Karl-Heinz Rummenigge, Gerd Müller e Karl-Heinz Schwarzenbeck, multicampeões por equipe e seleção. O que se viu foi uma disputa ferrenha pela última palavra, e o lado de Neudecker não assistiu impassível aos decepcionantes resultados da temporada.

Toma lá, dá cá

Em janeiro de 1979, Lórant sacou Müller aos 30 minutos, durante uma partida pela Bundesliga contra o Nuremberg, algo inédito para o goleador. Sem ele, os Roten enfiaram 4 a 0 no placar. Irado, Gerd pediu para ser negociado imediatamente e acertou sua ida aos Estados Unidos, para uma fase no Fort Lauderdale Strikers de junho em diante. Toda guerra tem suas baixas, afinal. Sem um de seus pilares e artífices, o grupo de jogadores apelou. Na rodada seguinte, contra o Fortuna Dusseldorf, perderam por 7 a 1. Neudecker não teve outra escolha a não ser sacar o técnico. Mas a rixa estava longe do fim. A resposta do elenco vinha em campo: o Bayern saltou cinco posições acima depois da demissão de Gyula.

A seu favor, Neudecker tinha todo o quadro de acionistas — e os manipulava como bem entendia, para tentar pressionar o elenco. O clima foi ficando insustentável e os bávaros faziam uma campanha claudicante na Bundesliga. Para os protagonistas do campo, o desejo era de que o assistente de Gyula, Pal Csernai, assumisse a equipe algo que Neudecker recusou de imediato. Não tendo o que queriam, os bávaros tomaram de 4 a 0 do Arminia Bielefeld, em Munique, no início de março. Ninguém mais cogitava ceder. E o clube entrou em um impasse seríssimo. A ponto do presidente cogitar uma dispensa coletiva ao fim da temporada.

Palavras valem muito. Em um acordo entre homens, a honra está em jogo. Quem não cumpre, se desgasta. Sob a promessa de efetivar Csernai, Neudecker queria ver uma recuperação do time na tabela. Com empenho e entrega, a equipe buscou um empate contra o Braunschweig. Mas, na volta a Munique, o mandatário fez diferente: apontou Max Merkel, um amigo pessoal, como novo treinador. A decisão surpreendeu a todos, inclusive o tesoureiro

Wilhelm Hoffmann, apoiador ferrenho de Neudecker, que se juntou aos rebeldes.

Jogadores, Csernai e Hoffmann se reuniram e tramaram uma réplica. Notando que seria voto vencido, o presidente renunciou no dia seguinte. Se afastou até deixar o quadro da agremiação, em definitivo, no mês de março. Merkel também perdeu o cargo, já que poderia ocasionar nova revolta. Hoffmann assumiu e ficou até 1985 no ofício. A queda de braço estava encerrada. Os jogadores saíram vitoriosos. Para celebrar o novo momento, visitaram o Borussia M'Gladbach e enfiaram um fantástico 7 a 1. O Bayern terminou a temporada em quarto lugar, apesar da turbulência.

Chamado de "chefe sindical" e "anarquista", Sepp Maier riu por último ao defender os interesses de sua classe. Ele e Breitner, figuras cruciais na luta contra Neudecker, só queriam ser ouvidos pela diretoria. O maoísta Breitner, ao fim da crise, firmou o pé e reconheceu que os jogadores não poderiam fracassar em campo se quisessem provar o ponto. A união fez a força e o Bayern só perdeu outras duas vezes na liga, sem qualquer sinal de vexame. Em 1979-80, primeiro ano de Hoffmann como presidente, e em um ambiente muito mais pacificado, o Bayern voltou a ser campeão nacional. ■

estreia, estrela e caos

contando com o esplendor técnico de um baixinho endiabrado, portugal deu o que falar em sua estreia em eurocopas

portugal | por wladimir dias

Ao pensar no passado do futebol português, é difícil imaginar que a memória não recorra ao desempenho lusitano na Copa do Mundo de 1966 — ainda que se possa pensar em outros grandes times, como o Sporting dos anos 1940, e o poderoso Benfica de duas décadas mais tarde.

Não obstante, a geração de Eusébio e Mário Coluna não chegou a disputar um torneio continental; não jogou a Eurocopa. Foram necessários 18 longos anos para Portugal retornar aos grandes palcos. Quando o fez, não brincou em serviço, contra tudo e todos.

Não foi fácil chegar à disputa da Euro 1984. Nas eliminatórias, Portugal teve a missão de superar a União Soviética, de Oleg Blokhin, e a Polônia, do craque Zbigniew Boniek. À pobre Finlândia coube apenas torcer por um fim rápido daquele suplício. Um mistão de jogadores de Benfica e Porto, com acréscimos vindos de Vitória de Setúbal e Portimonense, que costumavam ceder goleiros reservas, e do Sporting, do artilheiro Rui Jordão, enfrentou o desafio e foi muito bem.

Os lusitanos obtiveram cinco vitórias e apenas uma derrota. Embora pesado, o único infortúnio se deu em um cenário em que o mais normal seria esperar um placar adverso. Portugal só foi derrotado pela URSS, fora de casa. Tudo bem, o 5 a 0 não foi nada animador e acabou provocando troca de comando. Mesmo assim, a classificação veio, na conta do chá. Nos dois últimos e decisivos encontros, triunfos marginais por 1 a 0 levaram o país ao inédito. A vitória final, contra os soviéticos, só veio na marca da cal, mas levou a seleção ibérica a somar um ponto a mais que a URSS, classificando-a.

Na cova com os leões

O sorteio dificilmente poderia ter sido menos favorável ao time que recebia seu batismo em competições europeias. De cara, Portugal teria pela frente a campeã vigente, a Alemanha Ocidental. Entretanto, os lusitanos surpreenderam logo na estreia. Os comandados de Fernando Cabrita seguraram o ímpeto de Karl-Heinz Rummenigge, Rudi Völler, Hans-Peter Briegel e do goleirão Harald Schumacher. Enquanto a imprensa da época passou a criticar os germânicos, indicando que havia ali muita força, mas

poucas ideias, Portugal, o outsider da vez, ganhava a simpatia do público. No mesmo dia, os lusos acompanharam os outros dois integrantes de seu grupo batalharem muito, mas sem conseguir vencer. A Romênia, de Laszlo Bolöni, e a Espanha, do goleiro e capitão Luis Arconada, ficaram no 1 a 1. Ou seja, quando chegou a hora de enfrentar os espanhóis, estava tudo praticamente igual na tabela, mas seguia evidente que os portugueses eram os underdogs.

Com a Fúria vestida de branco, o vermelho entregue a Portugal, os lusitanos encantaram outra vez. Como viria a notar o *Mundo Deportivo* no dia seguinte, "Portugal jogou melhor, mas acabou superado". O jornal notou que, depois de um encontro modorrento contra a Romênia, os espanhóis até melhoraram, mostrando mais garra, mas estavam ainda insuficientes contra a qualidade portuguesa: "O onze lusitano acabou impondo sua superioridade no centro do campo, com sua perfeita técnica, suas aberturas de jogo. [Jaime] Pacheco, [António] Sousa e, sobretudo, [Fernando] Chalana fizeram o que quiseram com a bola".

Porém, Jordão, o homem-gol, estava muito isolado em meio à barricada que protegia a meta espanhola. Desse modo, a bola que Sousa colocou de chapa no fundo das redes hispânicas não foi suficiente. Quando a defesa da Fúria não refugava as investidas portuguesas, a bola teimava em não entrar, como em um chute de Chalana no travessão. Assim, prevaleceu o ditado: quem não faz, leva. Em um bate rebate após cobrança de escanteio, Santillana empatou o jogo, que não viu o placar ser mais alterado.

A Alemanha havia vencido a Romênia. Por isso, aos portugueses restava apenas uma alternativa: ganhar dos romenos. A lógica era igual para a Espanha: o avanço dependendo de um triunfo contra os germânicos. Ambos conseguiram seus objetivos. Enquanto, com mais garra do que técnica, a Fúria venceu pela margem mínima com gol no minuto final, os Patrícios também precisaram lutar até o fim. Quando restavam nove minutos por jogar, a bola foi cruzada da direita e encontrou Nené dentro da área. Ele acertou um voleio e confirmou o avanço lusitano na segunda colocação.

Como curiosidade, um ponto interessante no Grupo 2 diz respeito às táticas empregadas pelas equipes. Enquanto alemães, espanhóis

e romenos optaram por montar fortalezas, com um líbero (Uli Stielike, Antonio Maceda e Costică Ştefănescu, respectivamente) e mais três defensores, os portugueses se lançaram à disputa no tradicional 4-3-3 (em determinados momentos alterado para 4-5-1, com o recuo dos pontas diante das necessidades). Os Patrícios conseguiram se defender bem, mesmo com um esquema menos conservador.

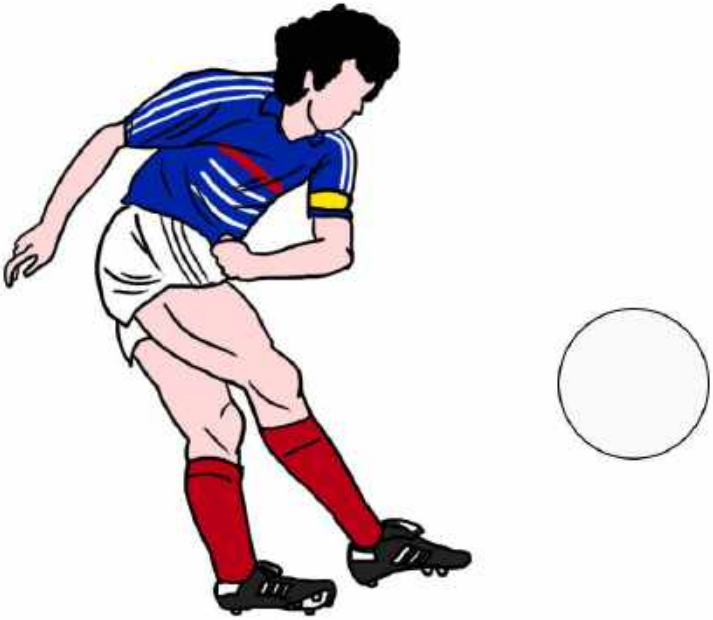
Seis minutos fatais

A passagem com a vice-liderança entregou a Portugal outro cenário indesejado. Os homens de Cabrita tiveram que disputar a semifinal contra a seleção anfitriã, a França. Aquele não era um time qualquer dos Bleus. Possuía, dentre outros, os integrantes do Carré Magique: Luis Fernández, Alain Giresse, Jean Tigana e, ele, Michel Platini. Era fácil imaginar que aquele seria um embate mais difícil do que os anteriores. De fato, foi. Contudo, também foi a melhor partida dos portugueses.

Os catalães do *Mundo Deportivo* foram cirúrgicos na manchete do dia seguinte ao encontro franco-lusitano: "França passa da agonia ao êxtase". Em Marselha, num Velodrome abarrotado, com quase 55.000 pessoas, os donos da casa tiveram de extrair o que de melhor havia em seu seio para conseguir o esperado triunfo. E nem parecia que o caminho seria tão tortuoso quando o defensor Jean-François Domergue, que completava 27 anos naquela tarde, acertou um petardo de canhota em cobrança de falta e abriu o placar.

Conforme a França dominava e perdia chances, parecia que o destino de Portugal estava selado. O goleiro e capitão lusitano, Manuel Bento, ganhava cada vez mais destaque. Era um massacre gaulês. Mas, à exemplo do que os portugueses haviam experimentado contra a Espanha, a superioridade francesa não se convertia em gols. Até que outro craque, adormecido até então, acordou. Chalana, o pequenino Asterix (1,65m) — como era conhecido —, cruzou a bola da esquerda para o miolo da área francesa. Na cabeça de Jordão, que cumprimentou as redes do arqueiro Joël Bats.

Monstruoso debaixo das traves portuguesas, Bento mantinha o empate. O jogo foi para a prorrogação. No tempo extra, outra vez brilhou o "Chalanix". Dessa vez, o desequilibrante ponta português



estava no lado direito. Ele chamou Domergue para dançar e cruzou. Jordão acertou a bola de primeira: no ângulo, sem chances para Bats. Eram jogados oito minutos da prorrogação. Como se o sonho já não estivesse suficientemente bom, antes do fim do primeiro tomo, Nené, enfiado no meio da defesa francesa por Chalana, pôde tentar fazer o terceiro, mas dessa vez o goleiro anfitrião o parou.

No segundo tempo, a França partiu para o abafa e conseguiu o empate, seis minutos antes do fim. Com quase todos os seus jogadores rondando a área de Portugal, aos trancos e barrancos a bola sobrou para Domergue marcar seu segundo tento na partida. Contudo, o nome daquele torneio ainda daria a cartada final. Por mais que Chalana tenha feito um grande torneio, brilhando sobretudo nos momentos mais decisivos, aquela Euro tinha dono.

Ele reclamou essa condição no penúltimo minuto. Como um touro, Tigana foi avançando, ignorando os marcadores e se impondo fisicamente. Até que, sem ângulo para chutar, cruzou para o meio da área dos Patrícios. A bola encontrou ele, Platini. Era o 3 a 2 que sentenciava Portugal ao fim de uma memorável estreia nas Eurocopas.

"Me encontro fatigado e muito emocionado. A verdade é que hoje o autêntico vencedor foi o futebol. Espero que a final também seja jogada como esse encontro formidável, em que os adversários jogaram com o coração, com entusiasmo, com técnica e com muita força. Fazia tempo que não se via um jogo como o de hoje", refletiu Cabrita após a partida.

Ao final, a França de fato conquistou o certame. Da parte de Portugal, em que pese a atuação monumental do goleiro Bento, apenas Chalana e o lateral João Pinto figuraram na seleção da competição.

Por trás dos panos, o caos

Se em campo ficou claro o gigantismo do desempenho luso, essa realidade só foi amplificada diante do que acontecia fora dele. As duas metades da seleção não se bicavam. Praticamente não conversavam. Havia o lado benfiquista (composto por oito jogadores) e o portista (nove), só para mencionar o que diz respeito

a jogadores. Isso acabou se refletindo até mesmo nas escolhas de números para o torneio. O bizarro 4 de Chalana se explica pelos problemas internos que se vivia.

Otto Glória era o treinador que deveria ter levado Portugal à Euro. No entanto, após aquela dolorosa derrota para a URSS, e outro insucesso em um amistoso contra o Brasil, o comandante caiu. Assumiram quatro nomes: Toni, José Augusto e António Morais, à frente deles estando Cabrita. Este, e José Augusto (em que pese seu passado como jogador do Benfica), eram escolhas da Federação Portuguesa, que costumava convidar os três grandes do país a levar representantes para a comissão técnica do selecionado nacional.

O Sporting preferiu ficar fora da confusão. Porém, Toni, auxiliar benfiquista, foi indicado — o mesmo se passando com Morais, por parte do Porto. Naquela altura, as paixões clubistas falavam mais alto do que a unidade nacional. Isso acabou condicionando escalações e causando problemas internos.

Por sorte, Portugal possuía um dos mais qualificados grupos de sua história. Os mandos e desmandos prejudicaram, mas não conseguiram acabar com o time.

"Desde a partida até a chegada, houve muitos problemas, desde logo a grande divisão entre os dois blocos de Benfica e FC Porto. E, a partir daí, houve variadíssimos problemas com uma equipa técnica onde prevaleciam treinadores representantes dos dois blocos. As equipas eram feitas em cima da hora do jogo, com um treinador a puxar por um lado, outro a puxar por outro e outro que não se metia em nada. Era tudo feito em cima do joelho", recordou o meia Diamantino, em 2015, à *RTP.*

Apesar disso, como o mesmo ex-jogador acrescentaria: "No futebol os resultados são sempre a base de tudo, os resultados deram para não pôr a nu todos os problemas". A Euro 1984 será sempre lembrada pelo debute de Portugal na competição e pela forma excelente com a qual se apresentaram jogadores como Bento, Chalana ou Jordão. Ou, de forma mais simples, como uma grande estreia regida por uma pequena estrela, em meio a um caos sem precedentes. ■

Basquete do passado com os olhos do presente. Quinzenalmente, às quintas-feiras, na Central3

Por Vitor Camargo e Renan Ronchi

central3.com.br

a primeira joia da coroa

o time feminino do lyon começou em 2011 a sua jornada rumo ao topo da europa. nove anos depois, as francesas são a grande potência do continente

futebol feminino | por felipe portes

A principal competição de clubes do futebol feminino tem uma curta história, é verdade, mas já tem dono. Na virada para o século XXI, a Uefa resolveu apostar suas fichas no desenvolvimento da modalidade, dez anos depois da primeira edição da Copa do Mundo da Fifa, realizada na China.

É inegável o quanto o esporte tem evoluído desde então, não só em termos de projeção, mas em presença na mídia. Isso só foi possível com a chancela, tardia, é verdade, de suas principais entidades

Em 2001, portanto, foi dada a largada para a Liga dos Campeões Feminina, um projeto cuidadoso da Uefa para tentar nivelar os principais países do continente. Como se sabe, a ordem mundial do futebol feminino tem países distintos da modalidade masculina no topo. Apenas Alemanha, Inglaterra, França e Suécia tiveram clubes campeões, seguindo uma lógica em que também dominam o contexto de seleções.

O primeiro vencedor da Liga dos Campeões feminina foi o Frankfurt, que viria a alcançar outras quatro vezes o título. Até 2017, as alvinegras eram a potência a ser alcançada. Porém, quando o Lyon surgiu no retrovisor, a ultrapassagem foi inevitável. Nesta edição da *Relvado*, falamos da mentalidade de longo prazo do Lyon empregada por Jean-Michel Aulas, no comando da agremiação desde os anos 1980, mas que demorou a colher algum resultado. Apesar disso, quando mencionamos o trabalho de formação do elenco feminino, absorvido em 2004 pela estrutura do Lyon, o tempo de espera foi muito menor.

Essa absorção pode ser explicada pelo fato de que desde 1970, a equipe e a gestão do time feminino eram pertencentes ao FC Lyon, equipe poliesportiva da mesma cidade. Durante o período de maior sucesso do plantel masculino, a diretoria resolveu incorporar a divisão feminina de maneira definitiva. Expansão?

Essa história, evidentemente, mostrou a ambição da diretoria dos Gones. O plano era estender o domínio também ao futebol feminino, se aproveitando de um projeto que já acumulava quatro títulos nacionais entre 1991 e 98. Les Fenottes, como são chamadas,

surgiram como a cereja do bolo dos Gones. Não à toa, desde a mudança do FC Lyon para o Olympique Lyonnais, as meninas enfileiraram 12 conquistas na Ligue 1, sem falar nas outras nove taças na Copa da França.

A questão é que o Lyon feminino conseguiu subir os degraus máximos do esporte em pouco tempo, o que ainda soa utópico para os rapazes. Não foi algo ocasional, diga-se: o Lyon dominou a Europa e fez dela o seu quintal. Presentes em oito finais, sendo campeãs em seis, as lionesas rapidamente se estabeleceram no topo a partir de 2011. E desde então tem sido complicado tirá-las de lá.

Naquela ocasião, jogando no charmoso Craven Cottage, casa dos londrinos do Fulham, a equipe superou as germânicas do Turbine Potsdam, bicampeãs do torneio, na decisão. Pela segunda vez consecutiva esse confronto valeu o título — já que, em 2010, jogando em Getafe, o Turbine levou a melhor nos pênaltis.

A narrativa de revanche era inevitável para o Lyon, que mudou pouco as suas peças para resolver o duelo e começar a escrever novos capítulos de sua história. Havia tensão e receio de uma nova disputa de pênaltis, mas também confiança.

"Penso que temos uma barreira psicológica para quebrar a respeito de pênaltis. Espero que a história não se repita. Realmente espero que terminemos nosso trabalho antes de o jogo ir para as cobranças penais. Provavelmente, será uma história diferente. Estamos mais ofensivas esse ano e também temos Lotta [Schelin] na frente. Se jogarmos nosso jogo naturalmente, podemos ir bem", disse a goleira Sarah Bouhaddi em entrevista coletiva antes da final.

As figuras titulares do Lyon no primeiro título, aliás, são bem conhecidas do público, por serem base da seleção francesa. Wendie Renard, Laura Georges, Amandine Henry, Louisa Necib, Sonia Bompastor, Camile Abily e Élodie Thomis, por exemplo, são figurinhas carimbadas em Mundiais. Outra referência entrou na segunda etapa: a atacante Eugénie Le Sommer, presença cativa na Copa de 2019. Diante de um Turbine inteiramente composto por atletas da Alemanha, o Lyon escalou duas estrangeiras na formação inicial: a costarriquenha Shirley Cruz Traña e a sueca Lotta Schelin.

A partida foi equilibrada, e desta vez, as francesas não estavam dispostas a esperar a tensão das penalidades para resolverem suas vidas na competição. Aos 27, Renard abriu o placar para as francesas.

Depois de um rebote da arqueira Anna Sarholz, Schelin tentou empurrar para a rede, mas foi a zagueira que se esticou para tocar com a ponta do pé e balançar a rede. No segundo tempo, a técnica Patrice Lair promoveu a entrada da meio-campista suíça Lara Dickenmann, que, trinta minutos depois, selou o primeiro campeonato do Lyon, restando cinco voltas no relógio para o apito final.

"O trabalho está feito, vim aqui para isso. Eu não diria que estava confiante, mas considerando o elenco que temos, a atmosfera, tenho que tirar o chapéu para todos. Emocionalmente, esse é um grande momento. Meu melhor como treinadora. Desfrutei de toda a temporada com esse elenco maravilhoso. Agradeço também ao presidente, que nos deu os recursos. É fantástico!", falou a treinadora no pós-jogo.

Sem o nervosismo de 2010, o Lyon subiu ao lugar mais alto da Europa e construiu laços com o posto. O 26 de maio de 2011 revelou a resposta de um time que engoliu a derrota e aprendeu com ela. Tanto que venceu novamente em 2012 e, após três anos fora de finais, se consolidou com outros quatro títulos em série.

Desde 2016, a Europa é toda do Lyon, e não há previsão de que esse reinado acabe tão cedo. Ao menos não enquanto a rainha norueguesa Ada Hegerberg estiver em seu esplendor técnico. Titular nas quatro últimas finais, a escandinava foi responsável por três dos quatro gols contra o Barcelona, na final de 2019.

Hoje, o Lyon é uma verdadeira seleção internacional. Além de Hegerberg, atual melhor do mundo, conta com a inglesa Lucy Bronze, a alemã Dzenifer Maroszán, a holandesa Shanice van de Sanden, a japonesa Saki Kumagai e a argentina Sole Jaimes como destaques estrangeiros. Tudo isso começou, vale sempre reiterar, há apenas 15 anos. Construir um colosso do esporte nem sempre é trabalho de décadas, desde que se aprenda com as derrotas. ■

um campeão planejado

sob o comando de jean-michel aulas desde 1987, lyon abandonou a realidade da segunda divisão e se tornou uma das principais forças da frança

frança | por wladimir dias

A formação de um time campeão pode se dar de diversas formas. A história do futebol mostra que não há regra. A tradição entregou aos maiores vitoriosos a condição de serem quase sempre favoritos. No entanto, a injeção de novos e vultosos capitais ou o desenvolvimento de categorias de base também já apareceram como alternativas.

Até mesmo o aleatório já se prestou a essa função, por meio de equipes que acabaram se encaixando em meio a uma administração caótica. Há diversos modelos. O que o Lyon seguiu desde o final dos anos 1980 é um dos mais difíceis de se ver fracassar, quando levado à sério. Porém, é preciso paciência.

Foi apenas no início do século XXI que os Gones finalmente conquistaram um campeonato francês. Era um time que simplesmente não ganhava nada e ainda era obrigado a ver seu arquirrival, o Saint-Étienne, empilhar taças. Entretanto, foi justamente nesse período que o trabalho de uma década e meia começou a surtir efeitos — duradouros, diga-se. Desde que assumiu o comando do Lyon, em 1987, essa tem sido a missão de seu presidente, Jean-Michel Aulas, empresário do ramo da computação, estabilizar o clube.

Recentemente, quando da escolha de Juninho Pernambucano para o cargo de diretor esportivo do time, o ex-jogador do clube e da seleção francesa, Vikash Dhorasoo, comentou sobre isso em entrevista ao *L'Equipe*: "Desde Jacques Santini, essa é a primeira vez que o clube terá um diretor de esportes. Deve ter sido muito difícil para Jean-Michel Aulas escolher, mas ele precisava disso [...] Aulas é alguém corajoso. Ele preparou isso e quer deixar o clube forte. Se ele o deixar, quer garantir que seja sustentável".

Deixar o clube sustentável tem sido a grande missão do mandatário. Pior do que ser um time quase sem conquistas, o Lyon do final da década de 1980 era uma equipe que alternava entre a primeira e a segunda divisão, com muitos débitos a pagar e um orçamento de aproximadamente 3 milhões de dólares. Ainda assim, Aulas teve a coragem de pretender levar o time ao nível do futebol europeu e ao de potência nacional em quatro anos . Em 1991-92, o time se classificaria à Copa da Uefa.

Haveria turbulência até as primeiras conquistas da Ligue 1. O caminho não seria tão fácil, marcado por muitas campanhas apenas medianas. Porém, manteve-se viva uma ideia grande e que acabaria conduzindo o Lyon a uma evolução sem precedentes. Em 2004, conforme reportou o *l'Express*, o time já contava com a maior receita dentre todos os clubes franceses, algo ao redor dos 90 milhões de euros.

Além disso, entre 1994 e 2002, o time havia sido lucrativo em todos os exercícios financeiros. Segundo Simon Kuper e Stefan Szymanski, em "Soccernomics", "a forma mais comum de vencer no futebol é pagando altos salários. Esses clubes encontraram um caminho diferente: eles descobriram os segredos do mercado de transferências". Um dos times a que os autores se referem é justamente o Lyon.

Os escritores dedicam todo uma seção de sua obra a estudar o caso leonino. Em "A melhor cidade da Europa": Como comprar e vender com o Olympique de Lyon, os autores, um jornalista acompanhado de um economista, registraram o que era a realidade do início do projeto. "Eu não conhecia bem o mundo do futebol [...] Todo ano estabelecemos como meta ter uma evolução esportiva e de nossos recursos financeiros", indicou Aulas. Conforme o sucesso nos campos passava a ratificar a qualidade da gestão do clube, "de repente a credibilidade era total. O projeto estava en route".

Forjando uma cultura de futebol em uma cidade tipicamente burguesa, lembrada por sua arquitetura, pelos altos índices de desenvolvimento humano, o cinema e a cozinha, Aulas transformou Lyon em um centro esportivo que conseguiu abarcar todas as classes de pessoas da localidade.

Há, ainda, outras lições no repertório do presidente: "Compramos jogadores jovens de potencial considerados os melhores em seus países, com idades entre 20 e 22 anos". Assim, o Lyon não gasta grandes fortunas e se protege do mercado predatório do futebol. Quando um destaque rende milhões, outra aposta barata toma seu lugar e o clube descobre uma novidade para lapidar, mantendo a roda em constante movimento. Ninguém é inegociável. O clube tem sempre um plano de contingência.

A busca pela estabilidade também o levou a romper com um amor antigo. O Stade de Gerland era um símbolo dos anos de chumbo, mas representava uma ligação com a comunidade. Contudo, o clube precisava aumentar suas receitas para alcançar e manter a mencionada estabilidade, ajudando Aulas a alcançar seu legado.

Trocar de casa foi um *must*. Como indicou o analista e técnico de futebol Daniel Fieldsend, autor de "Escola Europeia", "O Parc OL é uma afirmação de triunfo, riqueza, poder e status, mas, mais importante, celebra os sonhos de um homem que, ao decidir investir no Lyon, encontrou um clube sem ambição e nem torcedores".

A visão de dentro: Cláudio Caçapa

Dentro dos campos, talvez ninguém simbolize tão bem a evolução do Lyon quanto seu atual diretor, Juninho. O brasileiro foi o líder técnico e moral de uma era de vitórias dos Gones — que alcançaram um impressionante heptacampeonato francês, entre 2001 e 2008. Mas ele não foi o único brasileiro relevante a passar pelo clube.

Pouco antes do Reizinho da Colina, o zagueiro Cláudio Caçapa, ex-Atlético Mineiro, desembarcou na agremiação: "Foi algo muito bom para mim naquele momento. Eu precisava sair para dar continuidade à minha carreira e me foi apresentado um projeto muito ambicioso. Quando cheguei, o clube tinha muitos anos sem ganhar um título, então esse era o primeiro objetivo: ganhar um título, independentemente de ser a Copa da França, Copa da Liga ou o Campeonato Francês", falou à *Relvado* o atual membro da comissão técnica do time.

Ele também destacou a importância de outro brasileiro. Marcelo Djian, que atuou no clube em meados dos anos 1990, exercia representação do time no Brasil — mesmo que ainda fosse atleta profissional: "A presença do Marcelo Djian ajudou, porque ele era o representante do Lyon no Brasil e fez toda minha transferência". Para convencer jogadores que pouco conheciam o clube francês, uma apresentação a partir de um deles. Visão.

Caçapa também faz ressoar as impressões gerais acerca de Jean-Michel Aulas: "Ele se mostrou um presidente visionário. Passou

impressões ótimas, o que ficou claro com a construção de uma equipe vencedora. Deu tudo certo". Outra vez, visão. Questionado sobre a filosofia negocial do Lyon, o ex-zagueiro confirmou a existência de uma atuação no mercado com ações bem direcionadas e voltadas para objetivos esportivos e financeiros delimitados: "Esse era o grande objetivo do clube para se manter sustentável e em crescimento: comprar jovens atletas, prepará-los e depois revendê-los bem mais caros. O Lyon é um clube que acredita muito na formação, mesmo a de jogadores jovens vindos de outras equipes, até os dias de hoje."

Formação: esse tem sido outro pilar dos trabalhos de Aulas. Que fosse para aproveitar o talento ou alimentar o caixa, as categorias de base teriam de ter um papel fundamental na gestão da equipe.

Assim, foram surgindo jogadores como Sidney Govou, Karim Benzema, Maxime Gonalons, Anthony Lopes, Clément Grenier, Alexandre Lacazette, Nabil Fekir, Corentin Tolisso ou Houssein Aouar. Todos deixaram sua marca nos campos e alguns deles ainda renderam milhões aos cofres.

É também digno de nota o trabalho que foi feito ao redor de atletas como Hatem Ben Arfa, Anthony Martial, Loïc Rémy ou Ishak Belfodil, pouco aproveitados pelo Lyon mas que também acrescentaram alguns milhões de euros aos cofres da equipe.

Segundo Caçapa, o próximo nome dessa linhagem já está sendo trabalhado"O clube dá muita importância à base, é um formador de atletas. O trabalho está sendo bem feito para que, ao subir, os garotos possam estar o mais prontos possível. Temos agora uma esperança muito grande em um jogador chamado Rayan Cherki [meio-campista francês de 16 anos]".

A conversa também chegou a um assunto que anda distante da pauta do clube: a Liga dos Campeões da Europa. Conforme o Lyon foi perdendo a hegemonia nacional para o Paris Saint-Germain — após a injeção de capital árabe no clube da capital francesa —, a competição europeia passou a ficar mais distante.

O clube segue disputando-a com frequência, mas sem grandes perspectivas. No entanto, nos anos 2000, chegou com força às fases eliminatórias algumas vezes. O curioso é notar que, mesmo nessa época, manteve os pés no chão.

"Cobrança [pelo título europeu] não [houve]. Entre nós, jogadores, havia uma crença de que poderíamos ter ido até mais longe nesta competição. Algumas vezes batemos na trave [o Lyon alcançou as quartas de finais três vezes consecutivas entre 2003-04, 2004-05 e 2005-06], mas nessa competição é preciso reunir tudo para ir mais longe, além de qualidade de jogo, é preciso ter sorte". O Lyon ameaçou algumas vezes as potências mais bem-

sucedidas do continente mas nunca chegou verdadeiramente perto de uma conquista. Trazendo o diálogo de volta às perspectivas do Lyon, como Fieldsend, Caçapa acredita que a mudança de estádio impactou a relação afetiva do clube com a torcida, mas foi um passo inevitável.

"O Gerland foi a minha casa. Eu amava jogar naquele estádio, mas o clube cresceu, evoluiu e hoje temos um dos estádios mais completos da Europa, um estádio moderno e muito lindo. O impacto foi gigantesco em todas as áreas do clube". Crescimento e sustentabilidade têm um preço, afinal.

Outra marca do clube durante a gestão de Aulas foi a prevalência de um estilo de jogo ofensivo, atraente. Era necessário que assim fosse de modo a convencer o exigente público local. Para provar que o futebol podia ganhar algumas horas das semanas das pessoas, lhes custando alguns milhares de euros, foi preciso definir uma ideia de futebol. O estilo chegou até mesmo à retaguarda. "Em Lavras-MG [cidade natal do beque] eu sempre joguei do meio para frente, então eu não era tão grosso assim com a bola", riu o entrevistado.

"Penso que não é fácil para um jovem de quase 20 anos sair de uma cidade pequena, Lavras, e ir para capital, Belo Horizonte-MG, sem ter passado pelas categorias de base. A adaptação foi difícil, mas acredito que me afirmei no time na hora certa, quando estava mais pronto, depois de quase dois anos no clube [...] Lógico que muitas pessoas me ajudaram a melhorar meu jogo, especialmente o Zé Carlos, meu treinador em Lavras, que sempre confiou e acreditou em mim, e o Evaldo, meu treinador no Sub-20 do Atlético, que também foi fundamental para tudo isso acontecer", recordou o beque a respeito do início de sua carreira, no Atlético Mineiro, clube que lhe abriu as portas do mundo.

No Lyon, Caçapa atuou com muitos jogadores do mais alto nível, mas que não chegaram ao clube com esse status: Edmílson, Cris, Mahamadou Diarra, Michael Essien, Éric Abidal, Florent Malouda…

Em sua maioria, jogadores jovens que, como ele, tinham potencial por lapidar e foram notados por aquele time que se confirmou um "mestre dos negócios".

O fim de sua primeira passagem pelo clube se deu em 2007-2008, quando o Lyon já era hexacampeão nacional e as lesões se tornavam um estorvo em sua vida. Ele partiu para o Newcastle, um clube que, ao contrário do Lyon, vem de uma cidade historicamente apaixonada pelo futebol e que tem enormes dificuldades para colocar em prática um modelo de gestão sólido e eficiente.

"Infelizmente, no Newcastle não consegui colocar em prática tudo que poderia, tive também muitas lesões e isso me prejudicou muito. Eu gostaria de ter feito mais por esse clube tão respeitado na Inglaterra. Mesmo porque o Campeonato Inglês é o mais rico do mundo, tem os melhores jogadores, pratica o jogo com um nível de intensidade muito grande e ainda tem um diferencial que é o incrível respeito dos torcedores com os jogadores". As lesões acabaram, de fato, limitando-o em seu final de carreira. Quando em campo, Caçapa manteve bom nível com as camisas de Cruzeiro, Avaí e Evian, mas a verdade é que pouco atuou.

Ainda sobre a trajetória do beque, ele confirma que gostaria de ter jogado mais vezes pela Seleção Brasileira, mas não guarda qualquer ressentimento: "Eu não posso falar nada, os concorrentes foram grandes zagueiros, campeões mundiais e, mesmo assim, realizei um grande sonho".

Vencida a trajetória com jogador, o mineiro procurou outros caminhos. Como treinador ainda em formação, passou pela equipe sub-15 do Brasil e se reencontrou com o Lyon.

"Estou tirando minha licença Pro que é a última da UEFA. Terminando os cursos, vou tentar a minha sorte na carreira de treinador, estou estudando muito para isto e espero algum dia conseguir transmitir a minha experiência e os meus conhecimentos, dentro e fora de campo".

Com passagem pelas equipes de base dos Gones e integrando a comissão técnica, segue ligado a um clube que mantém boas relações com seus ex-atletas. Do representante Djian ao ex-treinador do time sub-19, Cris, passando evidentemente por Juninho e Caçapa. Vale repetir outra vez: visão — ou, infamemente, fazer o trocadilho: o Lyon dá aulas. ■

CC
HYUNDAI
©OL_Damien LG